

# Escola projeto



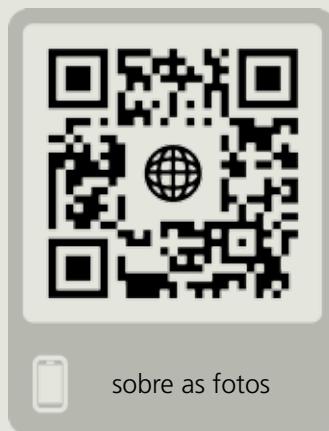
LIVRO, MÚSICA E ARTE  
FAZENDO PARTE

TEXTO DE ROGER LERINA  
A PARTIR DOS DEPOIMENTOS  
DE UM MONTÃO DE GENTE



Capa e Projeto gráfico: Márcio Koprowski  
Produção gráfica: Marcos Secco  
Revisão: Renato Deitos  
Logo dos 30 anos: Cauan Rolim

Todas as imagens e fotos deste livro são do arquivo da Escola Projeto.  
Para obter informações mais detalhadas sobre as imagens e as fotos utilizadas  
do livro, acesse:



#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

**L616e** Lerina, Roger  
Escola Projeto 30 anos : livro, música e arte fazendo parte. /  
Roger Lerina. – Porto Alegre : Editora Projeto, 2018.  
120 p. : il. ; 30 cm.

ISBN 978-85-8144-085-9

1. Educação Infantil. 2. Ensino Fundamental.  
3. Instituições Educacionais. I. Título.

**CDU 372.21**

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Cíntia Borges Greff CRB 10/1437

Todos os direitos desta publicação reservados à  
Editora Projeto Eireli - EPP  
Rua Hoffmann 239  
Porto Alegre RS CEP 90220-170  
Fone (51) 33461258  
www.editoraprojeto.com.br

IMPRESSO NO BRASIL





ANOS

projeto  
escola



# Porque são 30 anos!

Este livro nasceu da vontade de compartilhar com todos e todas um Projeto especial, de educação e cultura que acontece desde sempre.

Todo o trabalho pensado, desenvolvido e registrado aqui não seria possível ou não teria sentido sem vocês.

## **Agradecemos imensa e calorosamente aos ex e atuais:**

alunas e alunos  
famílias  
professoras e professores  
assessores  
coordenadoras  
funcionárias  
e demais colaboradores.

## **Agradecemos a inestimável contribuição e o engajamento dos:**

músicos e musicista  
autoras e autores  
ilustradoras e ilustradores  
artistas visuais  
atores e atrizes.

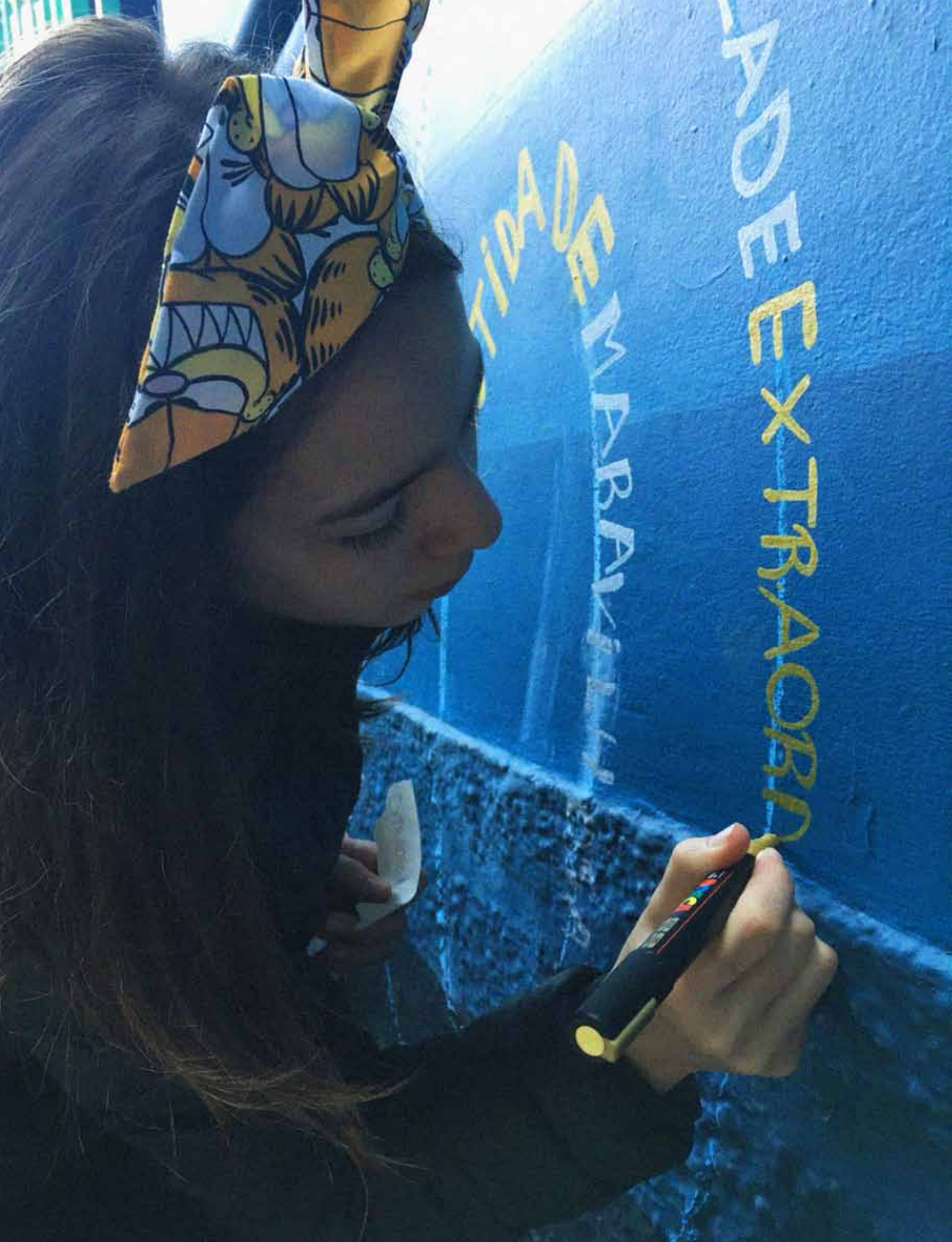
Aos nossos amigos, amigas e familiares.

À avó oficial da Escola, a nossa mãe e querida Lolô.

Ao Roger, pela escrita do livro, e ao Luís Augusto Fischer, pelo prefácio.

E por último, mas definitivamente não menos importantes, a todos os apoiadores do Catarse, o nosso Muitíssimo Obrigada!

NECA BALDI



TIPAD  
MARRA

ADDE EXTRAORD

## LUÍS AUGUSTO FISCHER

### NEXOS

Em passagem de sua obra, o grande escritor argentino Jorge Luis Borges faz uma melancólica declaração de incompetência. Ele está ali evocando plantas e árvores, daquelas que são vistas desde a estrada por onde se viaja, no interior. E então admite o que não sabe: ele diz que lastimavelmente sua ignorância o impede de nomear o que vê.

Essa confissão de ignorância de Borges sempre me soou como familiar, tristemente conhecida. Também eu, ao viajar, fico muito feliz ao ver campos plantados, cores homogêneas aqui, em contraste com um verde mais escuro lá adiante, com a mediação de um mato costeando um arroio... Mas qual é o nome daquela cultura? E as árvores? Como se chamam?

O terreno da minha ignorância é muitíssimo superior ao que sei e ao que saberei. Como ocorreu a Borges, fico triste de não saber nomear as plantações, as árvores, as aves.

Agora imaginemos um menino de 6 ou 10 anos, uma menina da mesma idade, vivendo naquela paisagem que vejo passar rápida pela janela. Ele e ela saberão nomear cada um dos elementos para mim e para Borges desconhecidos. Como sabem?

Porque saber os nomes daquelas coisas faz parte da vida. Eles ouvem a palavra certa para cada um daqueles elementos muitas vezes ao longo da vida, e reconhecem para cada um as características, o cheiro, a cor em cada momento de sua trajetória, as associações de culturas, o nexo entre plantas, animais e estações do ano. Aquilo compõe o sentido imediato, cotidiano, da vida deles.

Eles sabem porque aquilo, em suma, está na vida tanto quanto está nas palavras. Está na vida e por isso está nas palavras. E o nexo entre o mundo da experiência direta e o mundo das palavras ocorre ao natural, um se projetando sobre o outro.

Nesta altura do texto, o leitor talvez se pergunte o que é que a minha inveja pelas crianças do campo tem a ver com os 30 anos da Projeto. Eu respondo de modo simples e direto: a Projeto inventou um jeito de proporcionar aos seus alunos muito dessa estratégia forte, profunda, orgânica de aprender.

Não se trata de saber os nomes das plantações ou das aves, embora isso até ocorra. O que há é o nexos. Foco no nexos: criança aprende convivendo com as coisas, participando da experiência, conhecendo o nome ao conhecer a vida. Gerúndios, é disso que se trata.

Isso tem até nome de teoria respeitável na academia, mas não é este o meu ponto – mesmo porque conhecemos tanta teoria arrotada sem qualquer entranhamento na prática que melhor deixar pra lá.

O que importa é o gerúndio: alunos, especialmente crianças, vivem um gerúndio duradouro, por anos a fio. Estão ali com uma série de verbos terminando em –ndo, a todo momento, em casa ou na rua ou na sala de aula. (Como pai e mãe, a gente aprende que alguns gerúndios decisivos acontecem exatamente quando os adultos não estão prestando atenção.)

Na Projeto, o ponto é o respeito ao gerúndio. Os alunos aprendem porque são expostos aos fatos, e as professoras ficam ali ajudando para que não caiam, e para que, caindo, se levantem – isso, espalhado em matemática, em língua materna, em geografia, em biologia, em respeito humano, em civilidade, em cultura, em arte.

Não, os pequenos não precisam aprender os nomes esses aí, das disciplinas que depois vão nos atormentar bastante (em casos lamentavelmente não raros) e também nos dar enorme prazer, ao longo de toda a escolaridade. Eles não precisam (ainda) saber do nome das dicotiledôneas ou das orações subordinadas ou da potenciação.

O que eles precisam é algo parecido com a experiência daquele menino ou menina hipotéticos do meu exemplo: conviver, saber do aspecto e do uso, com as palavras, com os nomes, num processo único para cada indivíduo, e forte, profundo, orgânico.

A escola Projeto aprendeu a fazer isso tudo, e pratica isso há 30 anos. E ela é, além disso, um lindíssimo exemplo de uma empresa privada inteligente e bem-sucedida. Para quem, como eu, quase sempre foi empregado, é difícil imaginar os tormentos de um empreendedor para alcançar objetivos tão radicais e em parte incompatíveis quanto o sucesso administrativo e o constante estímulo à inteligência. Nessas três décadas, quantas terão sido as angústias? E quantas as alegrias, quando os obstáculos eram vencidos?

Este livro conta uma fatia dessa incontável história de três décadas de lida diária com crianças e pais, por parte de professoras (e alguns professores), funcionárias e coordenadoras, além da direção. Quantas


vidas, de parte a parte, crianças e adultos, se fizeram e refizeram dentro das paredes e nos pátios das duas para sempre queridas sedes da Projeto? Como isso aconteceu? Quem reviu suas convicções? Quem confirmou suas intuições? Quem descobriu o mistério das contas com números e das frases e textos com palavras? Como? Quantas vezes?

Recolhendo depoimentos, organizando dados, realizando sua missão de documentar uma parte desse processo, este é um livro que funciona como um mapa. Um mapa dos trinta anos da escola Projeto – alunos e alunas, professoras e professores, mães e pais, funcionárias e funcionários, gente da direção, bá, centenas, milhares de vidas aprendendo e proporcionando aprendizado.

Um mapa afetivo, roteiro de memória, evocação, homenagem à vida. Um mapa, este livro, que é como a palavra em relação às experiências, uma coisa se projetando na outra, eternamente.







*No princípio, havia o livro.* A afirmação tem a solenidade de citação bíblica, mas aconteceu mesmo assim: a Escola Projeto foi inaugurada oficialmente em janeiro de 1989 com uma feira do livro. A festa na casa da Rua Paulino Teixeira, 394, contou com a presença de escritores como Carlos Urbim, Luiz Antonio de Assis Brasil, Maria Dinorah e Marcelo Carneiro da Cunha. Foi este último, por sinal, quem batizou a então pré-escola que as professoras e irmãs Bernadette, Elizabeth e Annete Baldi (**Neca**, **Beth** e **Neti** para todos) sonhavam criar.

– *Vocês sempre falam de um projeto, o tempo todo. Este é o nome da escola, então:*  
**Projeto** – decretou Carneiro da Cunha.

Trinta anos depois, a Projeto segue perseguindo o desafio embutido no nome: ajudar na construção de futuros adultos pensantes, críticos e atuantes, sensíveis às demandas sociais e aos estímulos da arte e da cultura. Mais: ela própria, escola, **vive em permanente trabalho de aperfeiçoamento, propondo constantemente novos desafios para os alunos e para si mesma.**

Se a leitura esteve presente desde sempre na concepção de pedagogia de Neca, Beth e Neti, provavelmente o trio não imaginava lá no começo como esse destaque à literatura acabaria estendendo-se também ao estudo imersivo e sistemático de outras expressões criativas – música e artes visuais, em especial. Naturalmente e já de partida, o universo da arte passou a ocupar um lugar de protagonismo na Projeto, tão importante quanto os conteúdos de língua portuguesa, matemática, ciências sociais e naturais, educação física, língua estrangeira.

Três décadas mais tarde, há de novo o livro. Nas próximas páginas, tenta-se recuperar o percurso dessa **aventura pedagógica que entende as artes como experiência formadora e emancipadora.** Um trajeto feito em conjunto por educadores, pais, alunos e artistas cujas vidas ficaram marcadas para sempre por essa vivência – conforme muitos deles darão testemunho em seguida por aqui.

**Boa caminhada!**



Drożdżownia

escoria

# A Escola que a gente sempre quis

Já fui pai da Projeto – “ex-pai”, como dizem na escola. Na verdade, me considerava mesmo um “órfão da Projeto” – outra autodefinição que escuto de muitos pais e mães – até que a Luiza Milano, cujos filhos também estudaram lá, apresentou-se assim para mim:

– *Sou viúva da Projeto.*

O tom da declaração da mãe do Manuel e da Livia pode ser melodramático para quem não passou pela Projeto – afinal, por melhores que sejam as recordações dos tempos de colégio de alguém, raramente esse sentimento caloroso de familiaridade é associado a uma escola como um todo.

– *Não lembro de pais que não tenham questionado a razão de a Projeto não ir além da quinta série – continua a fonoaudióloga, lembrando uma demanda quase unânime entre aqueles que antecipam a precoce “viuvez”.*

Luiza exemplifica a importância da estrutura legada aos filhos pela Projeto contando como Manuel resumiu sua trajetória escolar, que incluiu a passagem por três escolas: “*Mãe, tenho bem claro em que cada colégio foi importante para mim. A Projeto me abriu a cabeça para criar, a escola depois até a oitava série me ensinou a ser um estudante, na que fiz o ensino médio tive belos laços de amizade*”.

Criação, estudo, amizade. Soa como uma educação para a vida ideal, não é? Seguindo o viés confessional, não exagero também ao afirmar que a mãe da Pilar e eu já sabíamos antes mesmo do nascimento da nossa filha que ela estudaria na Projeto – que sempre nos pareceu a materialização dessa imagem de escola dos sonhos. É novamente a fala de Luiza Milano que expressa uma característica da Projeto decisiva para muitos pais na hora de escolherem a escola para seus filhos:

– *O envolvimento com a arte pesou direto na minha opção. Duas coisas me chamaram a atenção: a escolha todo ano de um músico, um escritor e um artista plástico para estudarem e o fato de que esses nomes eram prioritariamente locais. Isso contribuía para uma identificação da escola com a cidade e com as pessoas daqui. Acho que essa ligação estreita com a comunidade motiva outra frase clássica entre os pais da Projeto: “É a escola onde eu queria ter estudado”.*

A farmacêutica Patrícia Lamachia Madke faz questão de se autodefinir como “apaixonada pela Projeto”. Mãe das ex-alunas Luiza, Maitê e Paola, pitoca de quatro anos da turma G4/5, Patrícia encontrou-se na escola:

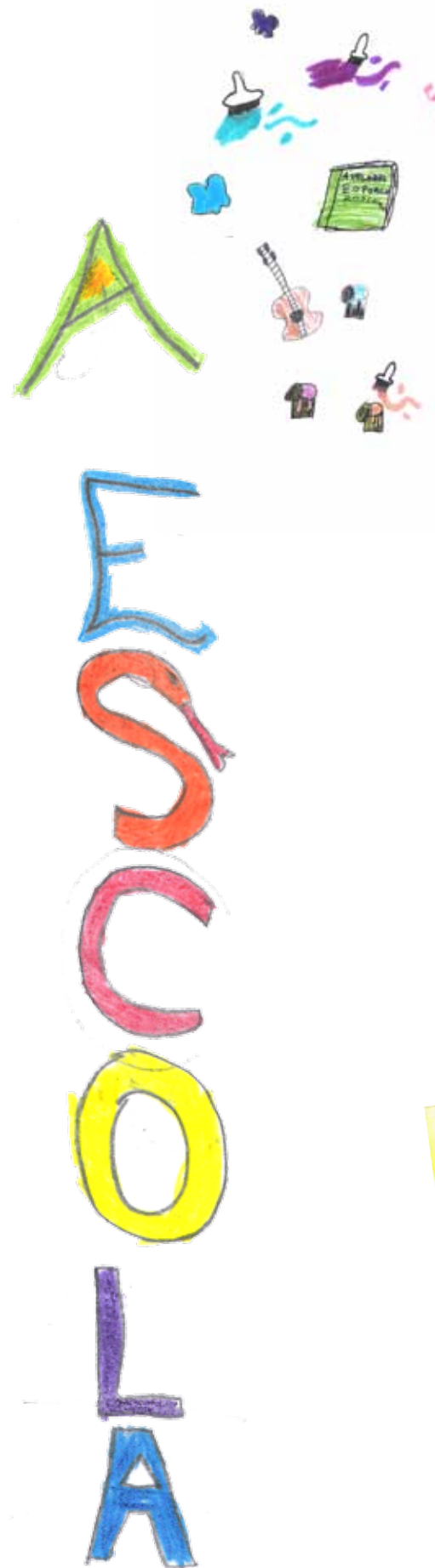
– *Quando conhecemos a Escola Projeto não tivemos dúvidas de que essa parceria daria certo! A proposta inclusiva, o acolhimento e respeito ao diferente e a valorização da cultura veio bem ao encontro do que desejávamos para complementar a educação das nossas filhas. A escola **tem uma maneira muito singular de inserir a arte, a cultura e a literatura no dia a dia das crianças.** De uma maneira quase lúdica, desde muito pequenos eles aprendem a ter uma postura de leitor. **O jeito com que as professoras despertam nas crianças esse desejo pelos livros contagia toda a família!** Conseguimos perceber dia a dia a apropriação das crianças desse mundo literário, que se reflete no vocabulário cada vez mais rico e na escolha dos livros como opção de divertimento. Os contos e recontos em casa nos permitem viver com as crianças momentos de descoberta mútua.*

A psicóloga Vera Moura, mãe da Betina e do Martin, descreve como descobriu a Projeto e relembra alguns episódios que ilustram com bom humor sua relação com a escola no texto a seguir:

*Há 30 anos, no local onde eu trabalhava, vi um modesto informativo impresso, anunciando a criação da Escola Projeto. Lembro de ter achado o nome da escola um pouco estranho. Mas nem tanto. Lembro de ter lido alguma coisa sobre a proposta, que me pareceu interessante: o trabalho pedagógico propunha-se construtivista. Muitas interrogações para mim, que já entendia o que queria dizer construtivismo e também sabia que muita gente já andava vendendo gato por lebre, justo por conta da falta de compreensão sobre a proposta pedagógica construtivista. Em todo caso, pensei que, se um dia tivesse filhos, iria lá conhecer.*

*Pois foi o que sucedeu. Em 1996, levei minha filha que faria três anos para conhecer a Escola Projeto. E, em 2001, foi a vez do meu filho. Ir para a Projeto era sempre uma alegria. E ficamos até 2008, quando na quarta série o ciclo se fechava e a dolorosa despedida acontecia.*

*Durante a vida deles dois na Projeto, uma das ricas surpresas foi conviver com o efeito do **trabalho equilibrado entre as várias instâncias do conhecimento e as possibilidades de desenvolvimento humano.** Oferecer protagonismo excelente à leitura e às diversas modalidades de expressão artística gerou neles abertura e sensibilidade para a alteridade.*





Convivíamos com cenas agradáveis e surpreendentes no cotidiano, que observávamos como resultado das aprendizagens que realizavam na escola.

Certa vez, visitávamos amigos, e minha filha, aos cinco anos, era a única criança na casa. Ela fixa o olho num quadro e fala bem alto: “Olha, o Monet!”. O efeito dessa exclamação entre os adultos foi muito curioso e variado. De sorrisos encantados às expressões do tipo “pobre criança, quem está fazendo isso com ela”, me levavam a pensar o que era mesmo que acontecia na escola.

Outra circunstância se deu com meu filho, aos seis anos talvez, enquanto tomava banho canta em voz alta: “Eu vim para matá-lo, matá-lo, matá-lo...”. Fiquei muito espantada. Que música era aquela? De onde tinha saído aquele refrão? Entrei no banheiro – aos seis anos as mães ainda supervisionam banhos – e perguntei o que era aquilo que ele estava cantando. Ele me olha espantado. Como eu poderia ignorar que aquela era a ópera do Nico Nicolaiewsky? Cada vez mais surpresa, escuto ele cantar trechos enormes da peça.

E são muitas as histórias. **As ricas e comoventes finalizações da quarta série permitiam que as crianças elaborassem as despedidas, ao mesmo tempo em que protagonizavam a possibilidade de “serem outros”** através do excelente trabalho da professora Mônica Torres Bonatto, do teatro. A intensidade e a qualidade do investimento pedagógico faziam suspender a patética “formatura” de todas as escolas para um grande momento de aprendizagens emocionantes e coletivas.

E assim a curiosidade e o respeito ao outro, constitutivas da prática pedagógica da Projeto, seguem presentes neles. O primeiro espanto da minha filha após uma semana na nova escola, na quinta série, foi enunciado assim: “Mãe, a gente não foi nenhuma vez na biblioteca ainda!”. Tive que dizer que a partir de então ela teria que ir sozinha sempre que ela quisesse ir.

A grande arte da Projeto sempre me pareceu, em relação aos dois, ser a seguinte: o tal período de latência nunca existiu e nunca existiu a ideia de menino não brinca com menina e menina não brinca com menino. Eles sempre tiveram livre trânsito para circular, brincar, ler, pintar e bordar entre todos. Transcender esses e outros preconceitos parece que é a arte maior.





## ERNANI SSÓ

autor estudado em 2014



Depois de falar com tantas crianças, em tantas escolas, na certa minha memória se embaralha. Mas tem três coisas que lembro direito de minha ida à Projeto.

A primeira, **ver toda a escola envolvida com a leitura**, não duas ou três turmas como é o comum. Envolvida mesmo, porque o trabalho lá é criativo e profundo. Nota-se isso nos textos das crianças, onde comentavam alguns livros: elas opinavam com naturalidade, sem medo de errar. Mais: tratavam de justificar essas opiniões, na tentativa de entender por que preferiam umas histórias a outras. É assim que se lê, não procurando a mensagem que se resume numa frase e liquida com todos os jogos de luz e sombra e silêncio de um texto.

A segunda, a conversa com os pais e os professores. Em geral os pais não têm ideia do que os filhos leem na escola e muitos esperam uma literatura perfeitamente aguada, sem conflitos reais, sem grandes emoções. Há uma confusão: pais que temem a violência, por exemplo, não querem histórias que tratem de violência. Acho que os pais têm de proteger os filhos de certas realidades, não de histórias que tentam ajudar as crianças a entender essas realidades. Outra coisa é que criança nenhuma é apenas o anjo que suas tias de todos os sexos afirmam. Como nós, as crianças têm todas as emoções, inclusive as negativas, e como nós necessitam de histórias em que podem viver os papéis não só do herói e da vítima, mas da bruxa tenebrosa e do ogro que aprecia carne humana. Afinal a arte, como o brinquedo, é isso, a abertura de um espaço onde podemos nos experimentar e assim nos conhecermos melhor. Isso foi o miolo, digamos, do que eu tinha a dizer aos pais e professores da Projeto.

Pra minha sorte, muitos pais e mães compareceram, e pudemos falar com calma e até nos divertir.

A terceira, as crianças, claro.

Escrevo na corda bamba, seguindo as instruções da criança que fui e do adulto calejado de hoje. Não é fácil agradar aos dois, porque a criança não tem o necessário distanciamento de sua experiência e o

adulto o tem demais, sem falar que esse adulto pode ser extremamente perigoso, meio como aquele idiota de que o Mario Quintana falou. Não lembra? Ao ver o mágico tirar o coelho da cartola, ele se levantou na plateia e, com um dedo apontado, gritou:

– *É truque!*

A alegria e o entusiasmo das crianças da Projeto foram a prova de que a criança que eu fui não era fundamentalmente diferente delas e de que o idiota que acusou o mágico não conseguiu estragar de todo as histórias que contou. **Crianças como as da Projeto são um perigo pra um escritor: ele pode pensar que é um astro de rock.** Melhor curtir o momento e, na hora do trabalho, fechar a porta do escritório a sete chaves e saber que não se pode contar com a sorte sempre. O cara tem de lutar com cada palavra e cada cena como se fossem um caso de vida ou morte.



## MARIA TOMASELLI

*artista estudada em 2002*

### ARTISTA-CRIANÇA-ARTE

Pode ser um clichê reproduzir o que todo mundo já ouviu falar, mas penso que nunca seja demais repetir: “Toda criança é um artista. O problema é o como manter-se artista depois de crescido”. Quem disse foi Picasso. É diferente da afirmação de Joseph Beuys de que todo homem seria um artista.

Os adultos olham através de uma plataforma que é a memória. A criança olha como se olha para o deserto sem pegadas de gente ou um campo de neve recém-caída, sem vestígios. Tudo é novidade, nada é pré-concebido. O mundo é uma tela em branco. O que cai nela aguçava a curiosidade e a vontade de experimentar.

Várias vezes tive a possibilidade de trabalhar com crianças. Raras vezes foi com crianças que conheciam tudo de mim, até mais do que eu mesma.

Na Escola Projeto encontrei duas turmas, de idades diferentes, que durante um certo tempo haviam estudado meus catálogos, visto meus vídeos. Me receberam com a recriação da “Oca-Maloca”, aquela construção feito um iglu, com madeiras de demolição de casas populares contendo “segredos” a serem desvendados no seu interior.

Do material estudado elas retiraram “importâncias” que para mim eram desconsideradas, meus enfoques estavam às vezes em campos bem diferentes. **Esse olhar novato, sem impressões e marcas do meio social comum aos adultos com suas leis e convências do senso comum, me libertou para novos voos.**

É sobre isso que Picasso falou. E sobre essa saudade e nostalgia Beuys queria falar, como se fosse garantia um artista ter essa liberdade. Nem sempre, quase nunca. É preciso beber na fonte!

Então, a Escola Projeto e todas as outras que convidam artistas para encontros com as crianças não sabem quão bem fazem aos artistas.

## MONICA TOMASI

*musicista estudada em 2017*

### A MONICA GIGANTE E A JANELA ABERTA

Sempre quando um fato novo ressignifica e justifica as minhas escolhas é motivo para comemorar. Sinto que a música me faz melhor, por meio dela tenho sonhos e faço amigos, amplia minha consciência, preenche minha casa.

O ano de 2017 ficará marcado por muitos acontecimentos especiais em minha vida, e alguns deles ficarão eternizados. Digo alguns porque **a experiência de sentir a minha música ser utilizada como instrumento de aprendizagem na educação das crianças foi absurdamente deliciosa.** Foi esse presente que a Escola Projeto me deu.

Confesso que não tinha a dimensão do que iria acontecer. Pensava em aparecer em um ou dois encontros, tocar algumas músicas e depois fazer um show para a escola. Puxada de tapete. Fato novo. Fui envolvida de maneira calorosa pelos professores, e quando percebi já estava cercada por pais e alunos famintos de histórias. Aí a coisa inverteu, a cada pergunta que elas faziam eu tinha de produzir uma resposta, uma viagem no tempo, um starting point, o exato instante da faísca que provoca o nascer de uma canção. Tem muita emoção ali, sempre tem. E eu me emocionei várias vezes com eles. Opa, então isso aqui é coisa séria. Por que você escreveu tal canção? O que inspirou você para fazer essa canção? Abri as janelas.

Que lindo trabalho de educação vocês fazem. Muito a agradecer a cada um dos professores pela construção desse espaço que leva o lúdico a sua potência máxima. Muito a agradecer pelo convite ao ser incluída na trajetória dos 30 anos da escola. **Na Projeto tudo está conectado, a educação, a cultura, a individualidade e o coletivo. Tudo é estímulo.**

O que dizer da emoção ao reconhecer minhas canções nas vozes, coreografias e desenhos das crianças? E o apelido de “Monica Gigante” recebido pelos pequenos habitantes da Escola Projeto? Então aqui entra minha gratidão por ter conhecido e convivido com todos vocês nesse espaço mágico que a arte consegue tocar. Vocês deixaram minha casa mais cheia e a janela continuará aberta.





Equipe Pedagógica de 2018



# Uma escola inventada

A Projeto começou com **oito alunos** de pré-escola no primeiro semestre de 1989. Em **2018, já eram quase 300** estudantes de ensino infantil e fundamental, divididos em duas unidades – em 2001, foi inaugurada a sede da Avenida José Bonifácio, 581. O corpo docente é formado por **23 professores**, mais quatro coordenadoras pedagógicas e duas diretoras, além da equipe de funcionários. Um baita crescimento. Mesmo com todas as mudanças, porém, o espírito dos conceitos e práticas que Neca, Beth e Neti almejavam implementar no final dos anos 1980 – e que logo depois foi aperfeiçoada com a colaboração de outras educadoras na redação de uma Proposta Pedagógica – permanece basicamente o mesmo até hoje.

Com trajetórias distintas ligadas à educação, tanto em instituições públicas quanto privadas, as irmãs Baldi encontraram no **construtivismo o lastro teórico** que melhor expressava as ideias que tinham de **criar uma escola diferente do padrão** – então centrada na cobrança de conteúdos, impessoal, homogeneizante, desinteressada do pensamento crítico, verticalizada na relação professor-aluno. As teorias de pensadores como o psicólogo bielorrusso **Lev Vygotsky (1896-1934)** ganharam força aqui no Brasil a partir de meados da década de 1980, aliadas às interpretações cada vez mais amadurecidas do que dizia o suíço **Jean Piaget (1896-1980)**, levando educadores a questionarem muitos dogmas e hierarquias do ensino tradicional. **A valorização de cada etapa da aprendizagem e não apenas da avaliação final via testes e notas, a consciência de que as crianças não aprendem todas ao mesmo tempo e em ritmo igual, o respeito e o estímulo à singularidade de cada indivíduo, o entendimento do erro como um valioso indicativo para o professor refletir melhor sobre as dificuldades e potencialidades de cada aluno, o processo de ensino transformado em experiência prazerosa e não penosa** – eram revolucionárias inversões de paradigmas que entusiasmavam as futuras **“projetistas”**.

Ao mesmo tempo, Neca, Beth e Neti intuíaam que esses conceitos libertários de educação só seriam realmente eficazes se aplicados de maneira séria, planejada e, sim, com disciplina e limites.

Instalação inspirada na obra de Teresa Poester, 2017

– As coisas não são aleatórias, elas são pensadas, planejadas. A sala de aula, por exemplo, é um negócio muito complicado. Não há como uma pessoa sozinha dar conta. Por isso, temos uma **rede de sustentação ao professor que permite um trabalho continuado e planejado**. Há reuniões semanais gerais e individuais, entre cada professor e seu coordenador. A formação é uma questão contínua no dia a dia da escola – explica a diretora pedagógica Beth Baldi, afastando com veemência qualquer sombra de espontaneísmo e frouxidão quanto ao processo de ensino na Projeto, como muitas vezes equivocadamente é visto o construtivismo.

– Nossa bíblia na época era **A Paixão de Conhecer o Mundo**, da Madalena Freire (livro publicado em 1983 que defendia o conhecimento como fruto do relacionamento entre professores e alunos). A partir desse e de outros textos, discutimos muito antes de montar nossa proposta, chamando para participar das reuniões convidados da área da psicologia e das artes. **Queríamos criar uma escola que fizesse de fato a diferença na vida das crianças** – lembra a diretora Neca Baldi.

Entre os primeiros professores que colaboraram com as discussões da pioneira Proposta Pedagógica da Projeto – um documento de 70 páginas revisto e aperfeiçoado ao longo do tempo – está **Deborah Vier Fischer**, atualmente coordenadora pedagógica geral da escola. Hoje doutoranda em Educação, Deborah entrou para a família Projeto ao matricular o



filho Tiago em 1990. No ano seguinte, tornou-se professora e juntou-se ao grupo que se reunia em torno de uma grande mesa com chimarrão e comidinhas para redigir a Proposta Pedagógica.

– *A Projeto tem seu programa curricular, segue tudo o que a lei manda. Mas o modo como ele é trabalhado é que faz toda a diferença. Esse modo repensado constantemente. Olho o que eu fiz no ano passado e penso: “Ah, não sei se cabe ainda, acho que não, acho que pode ser um pouco diferente...”. É por isso que a gente não tem um livro didático, nem apostila, porque não dão conta – argumenta Deborah, arrematando: – Acho que a Projeto é uma escola inventada, inventada por gente.*



As turmas do primeiro ano letivo.



5 años

ertracuma → leré  
→ leré/tracuma →  
uma → leré/tr  
ertracuma  
na

Lea é  
para cima!

A **Feira do Livro da Projeto**, considerada marco zero da escola, foi um sucesso desde a largada e entrou para o calendário anual de atividades. Em **2018, em apenas um dia**, o evento movimentou **R\$ 29 mil em vendas** – segundo Neti Baldi, mais do que a Editora Projeto negociou em sua barraca durante os 17 dias da Feira do Livro de Porto Alegre no ano anterior. **Essa feirinha na quadra de esportes na frente da Unidade 1 foi o embrião não somente da editora que Neti, mestre em teoria da literatura, criaria mais adiante como também das atividades envolvendo leitura e o estudo de autores** – que se desdobrariam depois em abordagens semelhantes com músicos e artistas visuais.

Um outro episódio foi igualmente decisivo para levar o livro a uma posição ainda mais central na Projeto: também em 1989, a **pesquisadora Ana Mariza Filipouski** deu um curso para a equipe da escola sobre literatura e leitura na pré-escola, baseado em um **Projeto de Pesquisa** desenvolvido na PUCRS em 1986 com as professoras **Angela Rolla e Vera Teixeira Aguiar**, coordenado por **Regina Zilbermann**. Por conta dessa primeira apresentação, Angela também iria depois conversar com as educadoras várias vezes, ensinando-as a elaborar o que as pesquisadoras chamavam de **"Unidades Literárias"** – e que mais tarde virariam os projetos de leitura da escola.

*– Fomos construindo assim essa proposta de trabalhar com o livro e os autores ao longo dos anos. Hoje ela é muito ampla e aprofundada, oferecendo um autêntico mergulho no universo literário. A gente intervém com a leitura por todos os lados. Nessa proposta, a leitura tem uma frequência e uma sistematicidade muito intensas. Ela acontece todos os dias na escola, e de diferentes formas: há leituras que o próprio aluno sugere, outras que nós indicamos, leituras orais em grupo, seminários e trabalhos escritos sobre os livros. Tudo gira em torno da leitura – diz Beth Baldi, autora de livros que relatam esse trabalho da escola – LEITURA NAS SÉRIES INICIAIS (2009) e ESCRITA NAS SÉRIES INICIAIS (2012).*

Beth destaca ainda três outros **pontos centrais nessa abordagem da literatura** na sala de aula:

**Diversidade** – propostas diferentes, dinâmicas de leitura variadas, trabalhos diversos entre si. A diversidade abrange também os autores e os gêneros literários. Às vezes os alunos têm tarefas sozinhos, na maior parte das vezes com colegas, em duplas ou grupos. Diversidade de conteúdo e de forma.

**Progressão** – tanto as leituras quanto as formas de realizar os trabalhos vão exigindo gradativamente mais dos alunos.

**Continuidade** – cuidado para que cada situação de leitura tenha início, meio e fim. Não há pontas soltas nesse processo.





Neti recorda que, no começo, até os espetáculos e os **Sábados Culturais** – até hoje uma das atividades mais prestigiadas da escola – tinham a ver com o livro. A inspiração para levar os livros ao palco veio do **“Brincando com as Palavras”**, projeto da Coordenação do Livro e Literatura da Secretaria Municipal da Cultura, que propunha um pequeno espetáculo a partir de um texto publicado. A Projeto passou a mostrar as atrações do **“Brincando com as Palavras”** nos Sábados Culturais, e logo também a produzir suas próprias montagens de livros infantis com professores e alunos.

Nesse cruzamento entre letras e cena, outro evento marcante para as irmãs Baldi foi ter assistido à peça **PONTO DE TECER POESIA**, baseada em um livro de **Sylvia Orthof (1932-1997)**. O casamento de texto, atuação e música empolgou tanto que elas acabaram trazendo a escritora carioca de livros infantis e sua Cia. Teatro Livro Aberto para participar de um grande seminário organizado pela escola, batizado de Universo Infantil nos Anos 90.

– A partir dali, nos colocamos um parâmetro de alta qualidade. Menos do que isso não dá – resume Neti, acrescentando: – Éramos bem ambiciosas, trouxemos outras vezes mais a **Cia. Teatro Livro Aberto**, que é de Petrópolis, no Rio, a **Cia. Truks Teatro de Bonecos**, de São Paulo, e bancávamos a vinda com nosso dinheiro.

Para Beth, o segredo está em encarar a biblioteca como um lugar de circulação de todos, em vez de local de acesso restrito e quase apartado das áreas de ensino:

– Trazer o livro para o cotidiano em sala de aula e não restringir a leitura apenas a momentos pontuais ou como remendo para situações excepcionais, tipo dia de chuva sem pátio ou ausência de professor.

Como consequência quase natural dessa paixão pelo livro, Neti toca desde 1992 a **Editora Projeto** – mais uma sugestão do autor Marcelo Carneiro da Cunha, então companheiro da professora. Fundada em 2 de abril de 1992, no Dia Internacional do Livro Infantil, a editora ocupava uma das salas dos fundos da casa que abriga a Unidade 1 da escola. O primeiro livro publicado foi **DIÁRIO DE UM GURI** (1992), de Carlos Urbim (1948-2015). Passados mais de 26 anos, a Editora Projeto – que tem como lema **“Ler é pra cima!”** – conta com um catálogo de 120 títulos e aposta na internacionalização como uma das estratégias para enfrentar as turbulências atuais no mercado editorial brasileiro.

Em 1994, Lygia Bojunga veio pessoalmente batizar a Biblioteca.



Foi Neti quem assumiu a tarefa de indicar escritores, apresentar a obra deles para professores e alunos e levá-los para a sala de aula – seguindo os passos de Angela Rolla, convidada primeiramente pela escola para essa formação. Nas palavras de Neti, o autor é **“destrinchado”**:

*– É diferente do escritor que vai lá em uma escola apenas no dia da feira do livro que ela organiza. Na Projeto a gente realmente estuda esse autor durante um período longo de tempo e se apropria da obra dele. Nenhuma escola dedica tanto tempo pedagógico assim à leitura. Na Projeto, a média é de cerca de uma hora e meia de leitura por dia. O resultado disso nas crianças é impactante.*

Autora de 25 livros – o mais recente chama-se **O Mar de Cecília** (Editora do Brasil, 2017) –, a escritora e ilustradora **Rosinha Queiroz** foi a convidada “destrinchada” em 2018. Segundo a pernambucana, uma experiência inesquecível e recompensadora:

*– Não tinha ideia do que seria esse processo. Tudo foi muito surpreendente. Desde o convite, que era um desejo secreto, ao ambiente físico da escola, com os trabalhos pendurados nas paredes, miniaturas das capas dos livros coladas no chão, o encontro com os pais, quando eu pude recontar a minha trajetória, o encontro com as crianças e a quantidade de pais e crianças no dia da feira, apesar da crise de combustível que acontecia naquele momento. A alegria de todos em estar naquele momento foi muito gratificante. Foi, o tempo todo, um sentimento de celebração, de comunidade em torno de algo que tinha um significado especial para todos: o livro.*

Veterana em encontros com pequenos leitores em feiras e eventos, a recifense Rosinha confessou-se, no entanto, admirada com a acolhida na escola porto-alegrense:

*– Me surpreendi demais com o nível das perguntas. Elas eram de uma profundidade que não tinha visto em nenhum encontro anterior. Eu estava em frente de verdadeiros leitores, e não apenas de crianças. Foi uma conversa horizontal. Perguntas pertinentes, de quem mergulhou em cada livro. Isso não é comum. Me surpreendeu em especial uma turma de crianças muito pequenas em que eu perguntei de qual livro gostaram mais e uma delas respondeu **ESMERALDA** (Editora Projeto, 2007), que é um livro com muito texto, em princípio para uma criança maior.*

Em 2017, o autor estudado foi o paraense **Daniel Munduruku**. Neti guarda o encontro do escritor indígena com as crianças da



Projeto como um dos mais belos momentos desse trabalho desenvolvido na escola:

*– Me lembro da sensação impressionante que tive ao entrar em uma sala que tinha sido preparada para receber o Daniel. Eles criaram uma instalação que reproduzia um ambiente de floresta. Fiquei impactada com aquilo. Colocaram objetos, luzes, sons. E de onde eles captaram isso? Da leitura, das histórias do Daniel, porque as crianças não tinham encontrado o autor ainda. **É o poder de evocação e transformação da arte.***

Uma potência que reverbera na sala de aula e nas casas dos alunos, nas vidas das crianças e de seus pais. Mãe do Pedro, ex-aluno do Projeto, e da Maria Clara, hoje no segundo ano, Vanessa Berwanger Sandri recorda como chegou até a Projeto:

*– Quando fomos conhecer escolas para colocar nossos filhos, procurávamos algo diferente, que mostrasse outras formas de ver o mundo, que ensinasse o despertar para as coisas da vida que alegram e libertam o coração.*

A arquivista encontrou na escola exatamente o que buscava para os filhos. Além do acolhimento recebido, Vanessa destaca a importância que o contato com a leitura e a arte representa na formação dos alunos:

*– Na Escola Projeto as crianças vão todo dia à biblioteca, vivenciam com os artistas convidados criações e invenções, e **as famílias são incluídas nos projetos culturais, proporcionando uma rica experiência para todos nós.** Não tenho dúvidas que **o espaço dado às artes é o diferencial da Projeto, amplia os horizontes e é transformador, na medida em que proporciona que o mundo possa ser visto e experimentado em sua diversidade e beleza. Forma pessoas mais sensíveis em todos os sentidos e certamente faz toda a diferença para os seus estudantes fazerem escolhas mais felizes ao longo da vida.***



ANA MARIA MACHADO

autora estudada em 2000 e 2016

ACOMPANHANDO A PROJETO



Desde o início da Escola Projeto, venho acompanhando seu trabalho eficiente no incentivo à leitura de literatura por parte dos alunos. Algumas vezes, por meio de um contato próximo, em visitas à escola e conversas com os pequenos leitores. Outras vezes, apenas de longe, já que moro no Rio de Janeiro e vou pouco a Porto Alegre.

Mas sempre fico feliz em constatar como essas professoras fazem um trabalho bem feito, consciente, eficiente. Tenho muito respeito e admiração por elas.

São muitos os sintomas de que o planejamento da Projeto dá certo e se traduz em resultados efetivos e reais. Poderia citar muitos exemplos significativos e nítidos, ainda que não mensuráveis em números.

Entre eles:

**A qualidade das perguntas feitas pelos alunos** em nossos encontros, sem obviedade nem uniformização, mas sempre demonstrando a curiosidade despertada por uma leitura que respeita a individualidade de cada leitor. E que é, ao mesmo tempo, crítica em sua análise e aberta e generosa em seu acolhimento da possibilidade de diálogo.

**A variedade renovada do trabalho pedagógico criativo feito com as turmas** de pequeninhos, favorecendo a aproximação entre criança e livro dentro de um espírito de brincadeira e apropriação afetiva.

Um exemplo que guardo na lembrança é a figura reproduzindo uma personagem minha, de uma centopeia enorme e colorida na parede, em que os pés tinham sido moldados nas pegadas nas crianças – e cada um reconhecia sua marca.

**A biblioteca, situada num espaço de passagem obrigatória e contato íntimo, e não relegada a uma sala fechada, burocratizada e de entrada impeditiva,** como se vê em tantas escolas.

O ex-aluno que apareceu de surpresa no dia do encontro com a autora visitante, confirmando que não cortou os laços com a escola que o formou e continua valorizando a leitura.

**A participação das famílias** no entendimento de que o contato com a literatura é uma atividade gostosa para todos.

Tudo isso e muito mais faz parte do quadro de satisfação que me dá a oportunidade de poder acompanhar a Escola Projeto. Mas devo também confessar. A cada vez que volto de uma visita dessas, trago também um travo de tristeza. Quase revolta. Por que é que não conseguimos dar a todas as crianças brasileiras uma educação com uma qualidade igual?

Todos os brasileirinhos têm o direito a aprender com um ensino desse nível, a partir de uma gestão com essa compreensão, e de professores com essa capacidade. Mas poucas são as nossas escolas, particulares ou públicas, capazes de desempenhar esse papel. São sempre exceções. E eu queria que fossem a regra geral.

Quem sabe, um dia...



## GLÁUCIA DE SOUZA

autora estudada em 1998 e 2012

Mais de uma vez estive com as crianças da Escola Projeto para conversar sobre o meu trabalho como escritora! A primeira vez aconteceu quando eu ainda era iniciante, e o SACO DE MAFAGAFOS era ainda bebê. Aliás, esse encontro começou antes mesmo de o SACO DE MAFAGAFOS nascer! Sim! Quando eu vim para Porto Alegre em 1994, recebi um telefonema da Annete Baldi: era o aceite da Editora Projeto para o lançamento do livro. Mas, antes, ela queria me pedir autorização para que um poema do “Saco” saísse publicado no jornal da Escola Projeto, onde eu deveria ir para encontrá-la e conversarmos sobre o novo livro. Pensei: “Que escola legal, tem até um jornal!”.

Soube assim que Projeto não era só o nome da editora, mas também de uma escola que eu conheci lá na Paulino Teixeira, quando a editora ficava no mesmo endereço. Cheguei, entrei, e meus olhos de memória na mesma hora se lembraram da melhor experiência de escola que tive na minha vida. Sim! A Escola Projeto que eu conhecia naquele momento me lembrava a minha primeira e inesquecível escola, para onde fui aos quatro anos – Jardim Musical, onde aprendi a ler sem sentir e onde cresci em autonomia de uma forma alegre e curiosa.

Aos poucos fui conhecendo, como professora também, a proposta pedagógica da Projeto. **Linda proposta em que o conhecimento é tecido entre as crianças junto a toda a equipe pedagógica.** Em todos os encontros que tive com a gurizada da Projeto, enxerguei nos olhinhos brilhantes o resultado do trabalho de uma equipe incansável... Dos momentos de leitura individualizada na biblioteca, dos momentos de leitura compartilhada, dos livros circulantes em diferentes ambientes de trabalho.

Para as crianças da Projeto, nenhuma pergunta é vã, nenhum livro impossível: são partes de um caminho que se constrói aos poucos, de um desafio que se decifra. Por isso tenho muito orgulho de fazer parte de um pouquinho da grande história da Escola Projeto por meio dos livros que escrevi, das oficinas de que participei como ouvinte ou como ministrante e, principalmente, por meio da alegria de poder ter tido meu então menino Lucas entre os outros meninos da Projeto.



## SÉRGIO CAPPARELLI

autor estudado em 2004

### O OBSERVADOR OBSERVADO

Visitar uma escola para discutir um livro com as crianças é uma das melhores experiências que tive. Primeiro, pela oportunidade de conhecer o leitor. Ele deixa de ser imaginário e se torna real, nos transformando em observador observado.

Normalmente, no início o autor fala. Mas sua fala pode ser dispensada. Ele já falou no livro. Ele tem é que escutar. Só que esse leitor ou leitora, ainda pequenos, fazem inúmeras perguntas. Não perguntas que ele busca em um livro de crítica literária, que limpa, tira o pó e traz à baila. Não. Essas perguntas não esperam serem trazidas à baila. Elas bailam sozinhas. Vivas, inquietas e cheias de energia.

Com frequência, a interpretação que esse(a) leitor(a) faz é melhor do que a do escritor em relação ao que escreveu. O autor então perde a fala. E, no seu interior, vocifera: “Ignóbil! Vim aqui dar uma lição e recebo uma. Como é que ele interpreta o que escrevo melhor do que eu?”. E o leitor ou leitora lê essas recriminações no rosto do autor. Com vivacidade, lê também o que está atrás das palavras. Esmiúça o texto, olha através dela e lava com lixívia o livro e quem o escreveu.

Ao mesmo tempo em que o diálogo com o leitor é um aprendizado, ele não deixa de mostrar que a leitura ainda é uma das principais fontes de prazer. Aqueles rostos afoqueados. Aquela expectativa nervosa. Aquela certeza que não admite dúvida. Enfim, aquele contexto fluido e diverso, em que o leitor expõe sem medo suas inquietudes.

**Tudo isso acontece graças ao trabalho de editoras, como a Projeto, que promove atividades gratificantes aos autores.** Graças, principalmente, a Annete Baldi, essa cidadã exemplar, que nos proporcionou e nos proporciona semelhantes oportunidades.



# AUTORES ESTUDADOS

2018



ROSINHA

2017



DANIEL  
MUNDURUKU

2000 e 2016



ANA MARIA  
MACHADO

2003 e 2015



HELOISA PRIETO

2014



ERNANI SSÓ

2013



ROGÉRIO ANDRADE  
BARBOSA

2012



ALEXANDRE BRITO

2012



HERMES  
BERNARDI JR.

1998 e 2012



GLÁUCIA DE SOUZA

2012



MÁRCIA DO CANTO

2011



GUTO LINS

2010



KATIA CANTON

2009



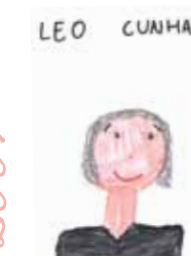
ILAN BRENNMAN

2008



MARILDA  
CASTANHA

2007



LEO CUNHA



## AUTORES QUE PARTICIPARAM DE FEIRAS DO LIVRO NOS PRIMEIROS ANOS DA ESCOLA

1994 – SÉRGIO CAPPARELLI

1993 – RICARDO SILVESTRIN

1992 – ELOAR GUAZZELLI FILHO E CARLOS URBIM

1991 – FEIRA REALIZADA NA CASA DE CULTURA MARIO QUINTANA SEM AUTOR HOMENAGEADO

1990 – MARÔ BARBIERI, ÍRIA MÜLLER POÇAS, MARCELO CARNEIRO DA CUNHA E LANCAST MOTTA

1989 – CHARLES KIEFER, CARLOS URBIM, RICARDO SILVESTRIN E MARIA DINORAH

Acho sensacional que a Projeto desenvolva essa atividade com os alunos, a cada ano acolhendo diferentes artistas dentro do seu universo. As crianças abrem pra gente um entendimento que não é o do cotidiano, com uma leitura ainda desarmada, diferente do público adulto com seus bem-postos conceitos cercados pela obesidade informativa da nossa época.

É importante para eles também, tenho certeza, que a cidade em que vivem se torne mais íntima por meio desses sentidos e vozes que os compositores lhes oferecem, e **quanto maior a diversidade que tiverem à disposição, tão mais seguros estarão de formar sua própria leitura do mundo.**

À época em que fui convidado do ano na escola, minha filha Maria Clara tinha três anos de idade. No ano seguinte, já era aluna da Projeto também, com os pais seduzidos pela proposta global de ensino, pela estreita relação com os livros e a literatura, os Sábados Culturais e, obviamente, também por esse carinhoso abraço aos compositores da terra.

**Guardo na lembrança aquelas carinhas cantando as músicas, fazendo perguntas, trazendo desenhos fantásticos inspirados nas canções,** e tenho todos bem conservados num baú particular. Quando precisar de boas memórias para ilustrar o que valeu a pena numa vida de cantor, é lá que vou buscar. Parabéns, Projeto.



## CHICO SARATT

*músico estudado em 2003*



A minha relação com a Escola Projeto começou no ano de 2003, quando meu filho Giovanni começou a frequentar a escola. Cada dia era um novo aprendizado. Eu, que tinha como referência minha vida escolar na cidade de São Borja, onde o ensino era o tradicional, fui, aos poucos, percebendo a diferença da filosofia e do ensino ali aplicados. Aos poucos fui entendendo e, cada vez mais, me interessando pelo sistema de ensino por eles desenvolvido e descobrindo a importância dessa corrente. Vi meu filho muito cedo ter acesso à leitura, às artes de um modo geral e, principalmente, à dinâmica da interatividade social em sua formação. A Projeto sempre proporcionou a proximidade com a família por meio de seus Sábados Culturais, de suas feiras do livro. Sempre havia escritores que participavam dessas feiras e reuniam-se com os alunos. Um verdadeiro paradoxo com o ensino que eu tive em minha infância.

Na Projeto éramos ouvidos, nossas opiniões e ideias levadas a reuniões e, frequentemente, colocadas em prática. De uma forma muito confortável, nem percebíamos que a escola não era a nossa casa. Uma das atividades que mais me marcou foi a de a escola proporcionar aos alunos **o estudo da obra de alguns compositores gaúchos e convidá-los a visitarem a escola, conversarem com os alunos, debaterem sua obra**. Para minha felicidade, no programa de integração dos alunos com a arte, meu nome foi escolhido para compor o rol dos compositores estudados pela escola por um ano. Foi uma surpresa muito gratificante e uma experiência maravilhosa.

Durante aquele ano, os alunos tiveram a oportunidade de conhecer meu trabalho, aprender minhas composições e músicas e, no final, como síntese desse estudo, fui convidado a visitar a escola e conversar com os alunos, contar um pouco de mim, de como tinha sido o processo de criação e de desenvolvimento de minha obra e de minha vida artística. No encerramento do ano letivo, fiz um show exclusivo em um teatro da cidade, onde todos os alunos e familiares presentes cantaram minhas canções. Algo inesquecível e enriquecedor.

E, assim, fui descobrindo o que significava o termo “construtivismo”. Ao ver meu filho Giovanni se interessando pela leitura, pedindo para que comprássemos livros como entretenimento – aventura, romance, fábulas, história –, vê-lo integrado ao grupo musical, vê-lo participante de ações sociais promovidas pela escola, programas de educação ambiental. A partir desse momento, **percebi que a Escola Projeto havia despertado nele, mais do que o prazer pela leitura, mais que seu interesse pelas artes, seu crescimento como pessoa.**

Não é difícil para mim falar da Escola Projeto como um marco, um degrau muito importante, não só na vida de meu filho, mas na minha vida também. Percebi, no decorrer dos anos, que havíamos formado uma grande família. Mantínhamos atividades com nossos filhos, mas, também, fazíamos programações entre pais. Havia uma integração imensa entre as famílias, e algumas formaram um vínculo de amizade tão forte que perdura até hoje.

Embora feliz por ver o crescimento do meu filho, lamentei quando terminou aquele ciclo, para iniciar um novo ciclo de sua vida em outra instituição de ensino. Fiquei com a convicção de que o principal degrau da vida dele, como aluno, e da minha, como pai de aluno, tinha sido conquistado ali. Obrigado, Escola Projeto, por existir. Obrigado por ter feito parte de nossas vidas.

## Seja o “professor” e enriqueça as aulas de seu filho

SEM ATRAPALHAR O PROJETO DA ESCOLA, COLOQUE-SE À DISPOSIÇÃO: AULAS DADAS PELOS PAIS TENDEM A SER BEM MAIS PRODUTIVAS DO QUE AS TRADICIONAIS



**Como ele colabora**

- Chico Saratt procura e ainda é sábio estar disposto a participar de projetos musicais se houver interesse dos professores
- No trabalho, verifica quais seriam os horários para participar do projeto
- Entra em contato com a direção do Instituto Galvão de Tradição e História para saber se seria possível levar as crianças ao estúdio no final do ano

o cantor ativista Chico Saratt está ajudando os colegas de filho nas aulas de música, para depois gravarem as composições em um estúdio no fim do ano

## GUSTAVO FINKLER

*músico estudado em 2006*

Eu poderia esquecer a letra que eles seguiriam cantando por mim. Em qualquer trecho, não só nos refrões. Foi assim a minha apresentação para os alunos da Escola Projeto. Ia passando de trabalho a trabalho, espetáculos diferentes, CDs distintos e havia, permanentemente, um coro fiel e afinado me perseguindo. Comecei a fazer testes: “Esta eles não conhecem...”. Mas conheciam. Sabiam a letra de cor, a melodia. **Fui ficando feliz e realizado, porque o que eu havia planejado quando compusera aquelas canções sozinho no sofá de casa tinha dado resultado.** As crianças cantavam, os pais divertiam-se com as letras, os refrões vinham com força e as sutilezas eram também respeitadas. O momento para rir muito e o momento para o sorriso. Tudo ali, naquele auditório encantado. Sempre me apresento com um grupo de músicos, uma banda, mas naquela apresentação eu estava sozinho no palco. No entanto, **em momento algum me senti solitário, porque a minha banda estava na plateia, pronta para atacar, afiada e afinada.** Eu só apontava a direção e eles mergulhavam com tudo. Foi um show para não esquecer, assim como o fato de ter minhas canções trabalhadas pelos professores, alunos e pais de uma maneira tão bonita e carinhosa.





## Os amigos musicais da Projeto

A relação de **Marcelo Delacroix** com a Projeto é múltipla: o músico já foi professor e compositor estudado, rege atualmente os dois corais adultos da escola, suas duas sobrinhas estudaram lá. Só não foi “pai da Projeto” – mas é avô da escola: a pequena Stella, de dois anos, a primogênita de seu filho Lucas Brasil Cury e de Carolina Cozzatti, está lá no primeiro nível.

Entre **2007** e **2011**, Delacroix foi o professor de música da escola, indicado por **Helena Lopes** para substituí-la. A professora foi quem começou o trabalho com músicos na Projeto, da mesma forma como já era feito com escritores – o primeiro convidado foi **Hique Gomez**, em 2001. **Helena também organizou os corais infantil e adulto da escola, que até discos gravaram** – como **MÚSICAS E MÚSICOS QUE AMAMOS** (2005), com participação de **Nei Lisboa**, **Chico Saratt**, **Hique Gomez**, **Arthur de Faria** e **Nico Nicolaiewsky** (1957-2014).

Antes da Projeto, Delacroix já tinha lecionado em outros colégios de ensino fundamental de Porto Alegre. Na época do convite de Helena, trocara a sala de aula pelos estúdios de gravação de jingles – mas o músico não estava satisfeito com o trabalho em publicidade:

– *Quando vi que minha música, que considero sagrada para mim, estava sendo usada para propaganda de shopping, pensei: “O que estou fazendo aqui?”. Quero é ganhar abraço de criança!*

E assim Marcelo Delacroix foi ensinar música e ganhar carinho na Projeto.

– *As crianças me alimentavam de afeto. Me davam a chance de me reconectar com a minha infância – justifica o compositor, lembrando que tirava chocalhos e outros instrumentos de dentro de um saco para atrair a atenção dos pequenos alunos.*

Mesmo reconhecendo que a comparação possa ser contestada do ponto de vista pedagógico, Delacroix não resiste a traçar um paralelo entre sala de aula e palco:

– *Não é diferente de um show. A plateia de crianças é muito exigente. Tem que ter roteiro definido e jogo de cintura. Uso as ferramentas do*

*artista na sala de aula, porque você tem que conquistar a atenção de todos. É difícil para o professor enxergar os alunos individualmente, não como uma plateia única.*

Em 2012, um ano depois de deixar de dar aula na escola, Marcelo Delacroix foi o artista escolhido do projeto **Encontro com o Compositor**. Autor de trilhas para teatro e dança, com uma discografia que inclui álbuns premiados como **Depois do Raio** (2006) e **Canciones Cruzadas** (2013) – este com o músico uruguaio **Dany López** –, o “profe” grandão e barbudo de fala mansa virou tema de estudo. Delacroix viu aplicada a sua obra algumas das inovações que implantara na análise do cancionero de nomes como **Nelson Coelho de Castro**, **Giba Giba**, **Cláudio Levitan**, **Bebeto Alves** e **Leo Henkin**:

*– Instituí o songbook, no qual cifrava as músicas dos compositores para violão. As crianças levavam para casa os acordes das canções. Sempre tem alguém que toca, um pai, um irmão, então isso ajudava os alunos a entenderem melhor a obra do compositor. Também ajudava no trabalho com as professoras, apresentando e instrumentalizando a obra para elas, que estudavam depois aquelas músicas durante três meses com as crianças.*

**Ianes Gil Coelho**, professor de música da Projeto desde 2013, é quem coordena atualmente o Encontro com o Compositor. Antes dele, ainda que por curtos períodos, foram professores na escola os músicos Simone Rasslan (2011) e Maurício Nader (2012), este também pai de ex-alunos, deixando lindas e marcantes lembranças.

Em 2018, ano em que completou três décadas, a escola contou com um convidado musical tri especial: **Vitor Ramil**. Um dos maiores nomes da música brasileira contemporânea, o pelotense inovou com sua participação:

*– Fiquei honrado com o convite e quis me envolver mais do que simplesmente acompanhar minha obra sendo estudada pelos alunos. Quis ter uma experiência educativa e criativa com eles, então propus compor uma canção com as crianças. Não sei se alguém já tinha feito isso no mundo, eu pelo menos nunca ouvi falar. Eu não sabia também como fazer isso. Achei que escrever música e letra juntos seria utópico demais, então pensei em compor uma melodia e incentivá-los a criar os versos da canção. Fazer uma letra é algo complexo, mas, por outro lado, é também muito lúdico.*

**Nesse trabalho colaborativo, Ramil concebeu uma canção com uma estrutura de tipo pergunta e resposta, a fim de que os alunos do terceiro e quarto anos se alternassem na criação da letra – um par de versos para uma turma, a outra completa com mais duas frases.**



– *É uma experiência desmistificadora, porque mostra para eles que uma música não surge do nada, é fruto de tentativa e erro, coloca uma palavra aqui, altera outra ali. Os menorzinhos propõem umas ideias mais livres e malucas, os maiores dão uma arrematada nos versos. Nos encontros, a gente faz uma roda, eu toco a música e vamos vendo juntos o que cabe ou não na canção. Tipo “cabeça pode, mas caminhão não, porque não cabe no acento da música”. Eles vão tendo então essas noções de composição. É muito legal essa experiência!*

O encontro entre músicos e crianças, aliás, sempre é emocionante para todos na Projeto. **Lara Menna Barreto Fuke** – que está estudando licenciatura em dança na Angel Vianna Escola e Faculdade de Dança, no Rio de Janeiro – recorda como essas atividades com artistas foram marcantes em sua passagem pela escola, entre 1999 e 2010:

– *Teve um ano que estudamos o Nico Nicolaiewsky e lembro exatamente da primeira vez em que ouvimos o CD dele. Daí em diante, passamos o ano estudando o trabalho dele com o Hique Gomez, e um dia o Nico foi na Projeto conversar com os alunos. Já para o final da conversa, ele começou a tocar uma música e eu comecei a chorar tanto que era impossível alguém não ouvir meus soluços. Perguntaram para mim por que chorava tanto e eu, entre soluços, *expliquei que era muita emoção.**

Lara ressalta também como esse contato ao vivo com diferentes criadores estimula a curiosidade:

– *É incrível o poder que a arte na escola tem: ensinar as crianças a ver, ensinar a apreciar e respeitar as expressões artísticas, permitir que se emocionem e conheçam os artistas. Lembro muito também da Projeto ser uma escola entusiasta da curiosidade: toda vez que algum convidado ia na escola conversar com os alunos, todo mundo, que já conhecia um pouco do trabalho, era incentivado a fazer perguntas. Não me esqueço de duas perguntas, uma minha e outra da minha amiga Thaís: “Mas como é que faz pra vender a sua obra e ganhar dinheiro?” e “Por que as suas músicas têm uma melodia tão alegre e uma letra tão triste?”.*



Marcelo Delacroix sabe muito bem como essa experiência da Projeto afeta a percepção dos artistas a respeito do próprio trabalho e de sua recepção pelo público:

– *Os artistas não têm ideia do que vai acontecer quando chegam. No final de três meses, o músico que era desconhecido pelos alunos é tratado por eles como um Michael Jackson. Já no primeiro encontro, eles cantam todas as músicas do convidado. Nenhum desses artistas tem um público assim, que conhece todas as músicas do show dele. Pois na apresentação no final do ano, são cerca de 700 pessoas no teatro, alunos e pais, cantando junto 12 músicas desse artista.*

O músico ilustra a surpresa desses artistas com dois episódios. Compositor convidado em 2008, **Giba Giba (1940-2014)** teve literalmente que tomar um calmante antes do primeiro encontro com os alunos: é que a sala tinha sido decorada pelas crianças e professoras com 13 orixás confeccionados com garrafas pet especialmente para recebê-lo. **O mestre pelotense do sopapo gostou tanto da homenagem que espalhou no palco do show final essas peças, criadas a partir de um estudo sobre as entidades afro-brasileiras.** Outro atestado da excepcionalidade desse trabalho veio de **Bebeto Alves**: impressionado com o que presenciou quando foi estudado na escola em 2010, o compositor uruguaianense chegou a apresentar o projeto na Funarte, no Rio, onde foi diretor do Centro de Música (Cemus).

Desde os primeiros tempos da Projeto, quando a professora de música ainda era Beth Baldi – organizadora das Rodas Cantadas com violão e criadora do primeiro coral infantil –, a trilha sonora tem sido



um elemento fundamental ligando escola, alunos e pais. A “ex-mãe” Luiza Milano – professora da UFRGS que coordena há quatro anos o curso de extensão Leitura em Voz Alta, com encontros literários abertos ao público – comove-se com as recordações:

– *Me lembro das apresentações nos Sábados Culturais do Hique Gomez, do Nico Nicolaiewsky, do Nei Lisboa, do Arthur de Faria. Eu chorava de emoção ao ver meus filhos estudando as músicas que eu ouvia, as músicas da nossa cidade. Isso teve impacto no desejo de transmissão que eu sempre tive, de passar essa ligação para os meus filhos. Quando que eu imaginaria ver meus filhos cantando Giba Giba? Enfim, acho que **o laço com o social é a marca da Projeto.***

Estudado em 2002, **Arthur de Faria** também transborda ao lembrar desses encontros:

– *Minha experiência em ser artista escolhido pela Projeto foi das coisas mais lindas que me aconteceram nessas décadas todas de música. A alegria já estava grande, mas aumentou muito quando, depois de me encontrar com as turmas dos pequenos e me divertir muito com eles, tocando e cantando e vendo seus desenhos a partir da música que eu compus, foi a vez de me encontrar com o pessoal da terceira e quarta séries. Juro pra vocês: foi das melhores entrevistas que eu dei na vida. Nunca antes nem depois me perguntaram coisas como “por que tu gosta tanto de fagote?”.*

Essa intimidade com a musicalização também ajuda a despertar talentos mais ou menos incubados. Filho da professora de letras Margarete Schlatter e do jornalista Renato Mendonça – autor do livro que em 2008 comemorou os 20 anos da Projeto –, o músico **André Mendonça** já trazia de casa o gosto pelas artes. Entretanto, a passagem pela Projeto, da pré-escola ao quarto ano, foi decisiva para cristalizar esse pendor – ainda que o ex-aluno tenha feito metade do curso de filosofia antes de enfim graduar-se em música pela UFRGS.

– *As rodas de violão, o coral infantil do qual participei, as visitas às exposições de artes plásticas, tudo isso foi essencial na minha formação cultural – afirma o baixista da Marmota, uma das mais elogiadas bandas de jazz do cenário nacional atual.*

Entre as várias lembranças que guarda dos tempos da Projeto, André diverte-se citando sua incursão no teatro, encarnando o jovem apaixonado Lisandro no clássico **Sonho de uma Noite de Verão**, de **William Shakespeare**. O músico de 27 anos – que em



2011 fez um curso de jazz na prestigiada Berklee College of Music, nos Estados Unidos – define:

– *Uma das coisas mais bacanas da Projeto é que a escola te abre várias possibilidades.*

**Vitor Ramil** também vem de um lar em que a arte e a cultura eram estimuladas:

– *Eu tinha essa aula em casa. Meus irmãos compunham e me lembro que, quando eu tinha uns 11 anos e escrevia minhas primeiras canções, o Kledir, por exemplo, passava por mim e dizia algo do tipo “Essa palavra não dá aí nessa música”. Já no meu tempo de escola, me lembro que eu tinha professor de português que levava para a aula um toca-discos e tocava um álbum do Chico ou do Caetano e a gente estudava a letra. Aquilo foi muito importante para mim e eu nunca mais esqueci disso.*

A composição de Vitor Ramil e os alunos da Projeto apresentada à comunidade da escola em 29 de setembro, no show de Vitor, como encerramento do estudo sobre sua obra, também fará parte, em dezembro de 2018, do show coletivo comemorativo aos 30 anos da escola organizado por Marcelo Delacroix, no Auditório Araújo Vianna, com o cantor e compositor dividindo o microfone com seus pequenos parceiros.

– *Já disse para eles: “Não pensem que vocês vão ganhar dinheiro com essa música porque são muitos autores” – brinca o músico e escritor.*

E a relação de Vitor Ramil com a escola vai se estreitar ainda mais: Nina, primeira filha do também cantor e compositor Ian Ramil, entrará na escola em 2019.

– *Vou ser avô da Projeto.*



Enquanto prepara o grande espetáculo que homenageará praticamente todos os compositores já estudados, com a presença de vários deles em cena, o outro vovô músico da Projeto segue à frente dos encontros semanais dos dois grupos vocais de adultos da escola: o **Sol de Si** e o **Grupo de Quinta**, cada um com cerca de 32 integrantes – na maioria mulheres, mães e “ex-mães” de alunos, mas também integrantes sem outra ligação com a Projeto. Com tantas e tão sedimentadas ligações profissionais e pessoais com a escola, Marcelo Delacroix opta pela simplicidade objetiva para definir esse relacionamento:

– *Me sinto um amigo da Projeto.*

Já a irmã de André Mendonça é praticamente uma filha da escola: Luiza Mendonça entrou em 1992, com apenas dois anos. No depoimento abaixo, a jovem de 29 anos, formada em artes visuais e que trabalha hoje no Hospital Moinhos de Vento com iniciativas estratégicas, conta como montou seu quebra-cabeça pessoal e encontrou um tesouro na ilha da Projeto:

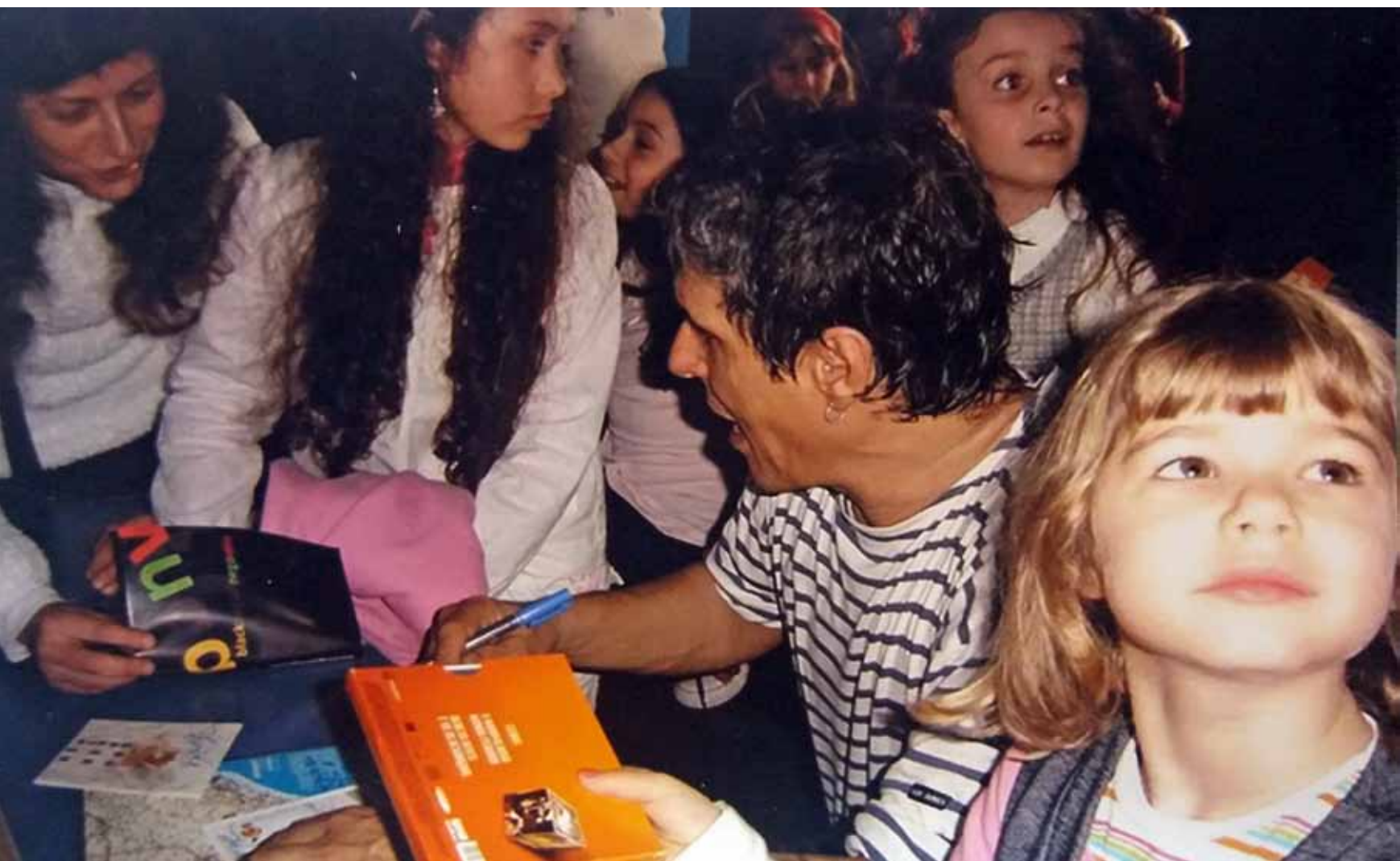
*Sou de uma das primeiras turmas da Projeto. Em vez de lembranças de episódios específicos, tenho mais vívidas recordações de sensações: o incentivo à imaginação, a valorização da curiosidade, a importância das trocas de informações e das discussões para construir novas formas de pensar.*

*Sempre gostei das aulas de artes – na Projeto, elas tinham parte prática e parte histórica. Achava incrível conhecer tudo que já tinha sido feito e pensar como poderia reproduzir ou repaginar todo esse conhecimento visual para meu dia a dia. O primeiro momento que gostaria de compartilhar aconteceu na terceira série. Imagino que estudávamos Renascimento ou algum momento de arte clássica. Nossa tarefa era, por meio de recortes de uma fotocópia de uma obra, criar algo completamente novo. Sentei com um colega e, no meio de todos aqueles pedacinhos de papel preto e branco, decidimos trocar partes para enriquecer o trabalho de cada um. Lembro bem da sensação de conseguir criar novas formas e significados por meio dos fragmentos, e mais ainda: como a troca com meu colega possibilitou espelhamentos, repetições, ecos. Efeitos que só seriam possíveis pela generosidade dele e pelo nosso escambo.*



*Outro momento que me traz alegria é lembrar das sessões de leituras coletivas de livros. Na Projeto, líamos três livros ao mesmo tempo: um individualmente, em casa; outro em dupla, na “biblio”; e outro de forma coletiva, fazendo exercícios de criação e imaginação depois. Esses eram meus preferidos. Acredito que na primeira série estávamos lendo **“A Ilha do Tesouro”**, clássico de **Robert L. Stevenson**. Após cada capítulo, desenhávamos os personagens ou exercitávamos o cérebro imaginando quais seriam os desdobramentos eletrizantes da história. Lembro como achava **divertido e instigante** – não havia competição, e sim o exercício da imaginação apenas por ele mesmo. Não era preciso acertar. A ênfase estava em criar, pensar caminhos possíveis, cruzar imagens com os colegas.*

*Para mim, esses dois episódios compartilham as sensações que descrevi no início: a Projeto sempre me incentivou a ser curiosa, a criar, a me aventurar. A não ter medo de ir aonde minha imaginação me levar. A ter coragem para expor minhas ideias – ou minhas versões dos piratas de Stevenson –, porque sempre se aprende ao ver os pontos de vista dos outros. A ver possibilidades em fragmentos preto e branco de história já vivida, porque é possível criar o novo quando enriquecemos nosso repertório com as pecinhas dos outros.*



## BEBETO ALVES

*músico estudado em 2010*

Nós, compositores, autores, inventores, artistas, intérpretes de uma cena musical ao Sul do País, fazemos parte de uma proposta, participarmos como “investigados” por alunos de ensino fundamental, de uma escola particular de classe média alta, localizada em um dos pulmões da cidade de Porto Alegre.

Em um primeiro momento, não conseguiríamos jamais imaginar com que seriedade esse trabalho seria levado pela escola, por aquelas crianças, e o quanto essa investigação desenvolveria o senso crítico, estético e poético daquelas centenas de pequenos cidadãos.

Quando fui convidado pela escola por meio do professor Marcelo Delacroix, que aplicaria esse processo investigativo nas turmas, fiquei satisfeito, como não poderia deixar de ser, afinal seria estudado – o meu trabalho vasculhado, remexido por estudantes de uma escola conceituada da Capital durante o período de um semestre.

Não saberia dizer, imaginar, supor, como afirmei antes, qual seria o resultado dessa pesquisa coletiva ao iniciarmos o processo com o Marcelo. Durante o período em que tudo ia se desenvolvendo dentro da escola, ele ia me colocando a par do que estava sendo tocado, conversado, acordado entre todos, mas sem entrar muito em detalhes. Sabia que eles estariam ouvindo discos, canções e pesquisando sobre o eu artista, o Bebeto Alves, músico, compositor – na internet e onde mais pudessem encontrar informações, com muita aplicação. Fiquei muito curioso, pois sou um artista criado fora do mundo acadêmico, ou de qualquer formalidade conceitual a respeito de processos educacionais; mesmo pensando em uma entidade como a Projeto, uma escola de ensino fundamental, não deixei de pensar em como as coisas tinham se desenvolvido ao longo do tempo, na minha carreira como artista criador. Isso veio até a mim também como uma mola, um trampolim – estamos falando de um universo infantil, né? – para uma pequena reflexão inicial. Que coisa, ser estudado, ser uma matéria, ser um tópico, uma resenha de um aprendizado para crianças. Me perguntava: aprendizado do quê? Pra quê? Afinal, para o que a gente serve?

De crianças tudo eu sempre soube – filhos e netos –, mas dentro de um âmbito familiar. Perto, longe, com o amor sendo a parte mais importante

do nosso conhecimento, do nosso corpo, da nossa célula. Cada família com suas preocupações e objetivos e com suas possibilidades, mas nunca me referi ou tratei do universo infantil nas minhas composições, apesar de tudo.

Tivemos um primeiro contato dentro da escola quando fomos levados a nos conhecer pessoalmente: professores, pais e eu.

Foi um papo em que eu coloquei algumas coisas, da minha satisfação em fazer parte do ano letivo da escola, das crianças, e tentei tirar qualquer impressão ruim ou preocupação dos pais com a minha história, afinal, sou um cidadão do bem, por pior que eu seja, e não tinha nada a esconder – é para rir.

Foi uma espécie de apresentação.

O Marcelo ia me mantendo informado sobre o andamento da pesquisa na escola e me avisou que iria ter um segundo encontro no qual eu seria submetido a uma espécie de sabatina pelas crianças. Antes ainda, acho que estive mais uma vez reunido com eles, desde os pequenos com três, quatro aninhos até os “mais velhos” com 11, 12.

**Esse encontro foi emocionante e me possibilitou tomar pé, ter um entendimento real do processo, do trabalho, e de como aquelas crianças desenvolveram, dentro de suas perspectivas, uma ideia a respeito das minhas músicas, do meu trabalho e o quanto aquilo tudo tinha atingido elas e a mim de uma maneira profunda.** Eram perguntas de toda a ordem, afirmações, questionamentos sobre as canções, interpretações sobre as letras, que me deixaram engasgado. A turma do fundo gostava de “Pegadas”, claro. As meninas, entre muitas: “Nego Véio”, “Mais uma Canção”... Perguntas do tipo “O que você quer dizer com esse verso?”. E citavam “parará, parará”... Eu respondia. Na tréplica sempre vinha um “Tudo bem, mas, pra mim, isso aí quer dizer que...”.

Me emocionei ao receber no final muitos cartões, objetos confeccionados por eles, escritos, desenhos retratando as canções, ideias... Carinho, muito carinho.

No final do ano, um encontro no palco, show de encerramento com os Blackbual, no Teatro Novo, no DC Navegantes. Domingo de manhã, teatro lotado, a criançada a mil, cantando as canções. No final convidei todos para subirem no palco e cantarem comigo, foi uma loucura.

O resultado? Me peguei pensando: sim, a gente serve para alguma coisa, e esse encontro quebrou todos os paradigmas sobre a nossa canção “impopular, difícil e sem sentido”. **Sim, a gente faz sentido, e a nossa música é fácil de ser gostada, é só ser executada, e ouvida.**

**A educação faz diferença, uma enorme diferença.**



## RENATO BORGHETTI

*músico estudado em 2015*



Eu já conhecia o trabalho desenvolvido pela Escola Projeto com a música gaúcha, seus intérpretes e compositores. Quando recebi o convite para participar por intermédio do querido amigo e músico Marcelo Delacroix, fiquei muito honrado – mas, confesso, bastante curioso por se tratar de um trabalho instrumental. Como seria a visão das crianças com relação à minha música sem letra para análise? Abasteci os professores e envolvidos com material para o estudo como discos, releases, fotos e imprensa. No primeiro encontro ocorrido na escola, a primeira surpresa: aqueles pequenos alunos com perguntas bastante interessantes e instigantes demonstrando realmente interesse e curiosidade em relação à música, como ela era feita, de que forma vinha a inspiração e como chegava ao resultado final. **Conheciam o meu repertório como poucos fãs e amigos.** Tenho uma discografia de mais de 30 anos e cerca de 33 discos gravados entre vinil, CDs e DVDs. Eles sabiam situar no tempo cada trabalho e a formação musical que utilizei durante as gravações, isso é bastante raro, me vi petiço.

Alguns meses depois, ocorreu o encontro e o concerto no Teatro da AMRIGS, e aí, sim, fiquei bastante impressionado – como diríamos no Interior, “aí, sim, me caiu os butiá do bolso”. **A cena era a casa lotada de crianças com um comportamento exemplar e uma plateia que não se diferenciava de nenhum teatro no Brasil ou no mundo.** Pude tocar um repertório completo com um público atento e comportado, que me exigiu bastante, inclusive com músicas de grande complexidade. Eles não só conheciam as músicas como cantarolavam, parecendo em algumas horas fazerem parte da banda. Na saída do show também a mesma sensação, perguntas, autógrafos e muita curiosidade, fiquei realmente muito feliz.



Acho muito importante o trabalho que a Escola Projeto faz com a música e a cultura do nosso Estado, pois **aproxima de forma carinhosa os artistas dos pequenos alunos**, que com certeza futuramente vão poder, com muito conhecimento de causa, dizer de onde vem e como é a cultura deste garrão do Brasil.

## NELSON COELHO DE CASTRO

*músico estudado em 2007*

Sabe aquela coisa que não descola, não desgruda da cachola? Que se instala perene para o restolho da vida? Então. Quando bem guri, no meu colégio, durante um recreio, apareceu por lá, do nada, uma trupe de artistas de circo: um gigante de dois metros de altura, calçando patins, que zunia, não sei como, tão imenso, entre aros de fogo; um anão palhaço inventava estripulias com uma bolota vermelha na ponta do nariz; acrobatas, com seus “saltos mortais” assustadores, fazendo arrepiar a plateia infanta, e sei lá mais o quê que meus olhos filmaram para sempre naquilo tão zás. Uma epifania. Nunca mais foi o mesmo o meu olhar. Minha alma, idem. Não me lembro de outra paisagem da vida real que houvesse assaltado a minha “escola intramuros” como daquela vez.

**O projeto Encontro com o Compositor é isso: sensibilidade e memória.** E, sob essa calota, que tudo abarca, está em primeiro lugar **o aluno e o sentimento de pertencimento com a sua geografia cultural.** Em seguida as “interfaces” com outras disciplinas, a percepção, a interpretação e identificação dos signos, das dicções, da diversidade dos discursos culturais da sua aldeia. Sem olvidar do caráter presencial dos compositores, para mim a cereja do bolo do projeto.

**Assim, não importa a atividade que o aluno da Escola Projeto terá no futuro. O viés do seu olhar será outro. Um olhar humanista diante da alteridade.**

Para findar, uma cena.

Logo me lembrei duma cena síntese quando a professora Virgínia Veríssimo me solicitou um depoimento sobre o período em que estive como compositor convidado na Escola Projeto. Aconteceu num supermercado da cidade. Eu estava absorto, com a cabeça alhures diante de uma gôndola escolhendo algo. De repente, fui abordado. Eram dois rapazes. Altos e magros, com fartas cabeleiras. Uns 16 anos cada um. Custei um pouco para reconhecer a melodia que, tri afinados, vinham cantando na minha direção: “... Essa não, nós não vamos



acreditar, isso pode ser mentira, vamos ter que duvidar”. Eles riram do meu espanto e logo um deles se identificou:

– *Nunca mais nos esquecemos dessa música desde quando o “senhor” esteve na Escola Projeto.*

– *Acho que tínhamos uns sete anos de idade – arrematou o outro.*

Pano rápido. Essa é a Escola Projeto.

Gracias à direção da escola por ter participado do projeto, assim como ao professor Marcelo Delacroix.



# MÚSICOS ESTUDADOS

2018



VITOR RAMIL

2014



GELSON OLIVEIRA

2005



NEI LISBOA

2017



MONICA TOMASI

2013



THIAGO FLORES

2009



CLÁUDIO LEVITAN

2004



NICO NICOLAIEWSKY

2016



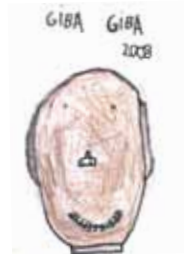
ANTONIO VILLEROY

2012



MARCELO DELACROIX

2008



GIBA GIBA

2003



CHICO SARATT

2015



RENATO BORGHETTI

2011



LEO HENKIN

2007



NELSON COELHO DE CASTRO

2002



ARTHUR DE FARIA

2006



GUSTAVO FINKLER

2001



HIQUE GOMEZ

2010



BEBETO ALVES

## LIA MENNA BARRETO

*artista estudada em 2004*



O convite veio da Neca e me surpreendeu, fiquei preocupada, com medo da reação das crianças, pois meu trabalho sempre causou desconforto por utilizar material do universo infantil.

Pensei, mas e os pais das crianças? E os professores? Sempre minha obra circulou no mundo das artes, e mesmo lá, muitas vezes, recebeu reações incômodas.

Minha satisfação foi que **as crianças, muito bem preparadas pela escola para receber a nova experiência, levaram a sério a proposta, e por isso conseguiram entrar fundo. A produção foi farta e rica.** A escola passou muita informação, preparando os alunos com o objetivo de mergulhar no meu universo.

Levei alguns objetos meus, e eles passavam de mão em mão. Dei duas falas com slides – uma para os professores e outra para os alunos –, e todo o material didático que eu tinha foi disponibilizado para que as crianças e professores pudessem manusear. Depois acompanhei os alunos durante uma semana, observando e demonstrando alguns dos meus movimentos para todos nas salas de aula.



Minha filha estava estudando lá na época e sempre conviveu muito bem com minha produção. Eu achava que o motivo era ela ter crescido entrando e saindo do meu ateliê. Mas parece que as crianças se sentem muito à vontade na presença dos meus trabalhos.

Eu vinha recebendo a informação de que o que eu criava era de difícil leitura, e ali na Projeto **o olhar mais embaçado foi substituído por outro, mais cristalino, mais saudável.**



## HÉLIO FERVENZA

artista estudado em 2008

Minhas filhas Julia e Marina estudaram na Projeto entre os anos 2001 e 2008, e nesse último ano fui o artista convidado, tendo tido minha obra estudada pelos alunos. Foi uma belíssima experiência.

Inicialmente, o fato do meu trabalho ser bastante conceitual pode ter trazido para as professoras algumas preocupações: as obras aparentemente não possuíam uma ligação com a infância e, ao primeiro olhar, talvez não se mostrassem atrativas para as crianças. Acredito que tenha sido um desafio para todos nós. Mas os alunos acabaram derrubando um falso muro, dissipando a ideia de que o trabalho não seria acessível para eles.

Ao seu modo, as crianças não somente entenderam as obras como desenvolveram outras, a partir da compreensão do funcionamento dos trabalhos e dos assuntos que as obras intrinsecamente apresentavam. Isso foi fascinante. Elas criaram obras que poderiam ter sido feitas por mim e pensaram coisas que eu não havia pensado. Os alunos demonstraram uma grande capacidade de percepção do processo artístico – por não se colocarem barreiras perceptivas –, que podia ser constatada em várias obras realizadas, e trouxeram ótimas ideias, que iam além do que lhes tinha sido mostrado, muitas vezes como desenvolvimentos dos conceitos. Quer dizer, **as crianças inventavam e, ao mesmo tempo, acrescentavam outras formas de fazer, outras abordagens de assuntos, outras ideias, constituindo-as como autoras e autores.** Havia ali um entendimento muito mais estrutural do que ocorre num processo de criação.

Pessoalmente, elas me mostraram que eu utilizava procedimentos e me dedicava a assuntos que tinham muito a ver com a infância: o lúdico no interior das minhas pesquisas sobre o mostrar e o esconder, a invenção de linguagens, a estranheza diante da linguagem e daquilo que ela designa. Essa experiência me deixou imensamente feliz. Nunca saímos totalmente da infância.





## EDUARDO VIEIRA DA CUNHA

*artista estudado em 2003*

### ESCOLA PROJETO E O ENCONTRO COM O ARTISTA

No segundo semestre de 2003, fui convidado pela Elizabeth Baldi para participar do projeto Encontro com o Artista. A proposta era levar para a escola a experiência de minha prática em pintura, e trabalhar com os alunos. Para mim o convite representou um prazer muito grande em voltar ao prédio da Rua Paulino Teixeira, onde minha filha Maria Eduarda estudara desde o ano de 1996. Me lembro com muito carinho da direção da escola e de seus professores, que acolheram tão bem minha filha. Ela por sua vez adorava a escola, e sempre se recorda dos professores, como a Deise Lunardi.

Mas o trabalho em ateliê de pintura, como o que eu desenvolvia, e que aliás continuo até hoje, é algo sempre solitário, com uma espécie de embate íntimo com os materiais, e de lenta transformação. Mas tudo entre quatro paredes, sem muito contato com o exterior. A oportunidade que a escola me oferecia era a de um “ateliê aberto”, onde eu pudesse propor e coordenar uma criação conjunta com os pequenos alunos. Era um desafio enorme, e uma nova maneira de compartilhar e de dialogar, abrindo a um público diferente aquilo que eu fazia sozinho.

Foram duas semanas de trabalho, a primeira com encontros com os pequenos alunos da sede da Rua Paulino Teixeira. Já na segunda semana, com os maiores, na sede da Avenida José Bonifácio, foi desenvolvida a proposta de criação conjunta. O trabalho coincidiu com uma exposição individual que realizei no Margs. Pudemos assim programar as visitas ao museu com as diferentes turmas. Os professores da Projeto tiveram um papel fundamental nessa experiência, com a preparação da infraestrutura e dos alunos. Todos os encontros resultaram em uma mostra na escola, aberta ao público.

Antes, no ano de 2002, Maria Tomaselli já havia feito uma participação nesses encontros. E, em 2004, a convidada foi Lia Menna Barreto. Eu estava então muito bem acompanhado nesse projeto de ações articuladas pela arte e de interação com a comunidade. Tanto que **o Encontro com o Artista recebeu naquele ano de 2003 a menção honrosa do Prêmio Arte na Escola Cidadã, da Fundação Iochpe, com o apoio da UNESCO. E para mim proporcionou uma aprendizagem e uma experiência inesquecível no que diz respeito à cooperação e à criação compartilhada.**





## Treinando o olhar cuidadoso

Primeiro a literatura, depois a música. Estender para as artes visuais a ideia de mergulhar na obra de um criador e levá-lo para encontros com alunos, professores e pais era uma decorrência natural na Projeto. Em 2002, **Maria Tomaselli** inaugurou a série de **14 artistas** já estudados pela escola. Em anos de **Bienal do Mercosul**, a mega-mostra e sua temática costumam ser o foco de estudo dos alunos. O convívio com artistas visuais que atuam em Porto Alegre, realizado no segundo ou terceiro trimestre do ano, culmina com uma mostra na qual os estudantes exibem trabalhos inspirados na obra dos convidados e em suas diferentes expressões plásticas.

Antes da oficialização desse Encontro com o Artista, porém, a Projeto já namorava esse universo: vizinha da unidade pioneira da escola na Rua Paulino Teixeira, a **Galeria Tina Zappoli** costumava receber turmas para visitas a seu acervo ou a exposições temporárias.

*– Foi por meio da Tina que fizemos contato com o Xico Stockinger e o levamos para a escola em 1993 para um encontro com a minha turma, com crianças de cinco anos. O Xico não apenas conversou, mas também participou de uma atividade com os pequenos mexendo com argila – relembra a então professora Beth Baldi.*

Já em 1989, as artes visuais começaram a ter lugar garantido no cotidiano das turmas da escola, a partir de um curso de **Confecção de Materiais Expressivos**, com **Gustavo Chauvet**, de Brasília, em que um dos resultados foi a pintura “psicodélica” da geladeira da escola pelas professoras. Logo depois, em 1991, quando **Lucia Koch** participou do 2º Seminário de Alfabetização, com o foco da interdisciplinaridade (foram cinco seminários ao todo e aconteceram na escola de 1990 a 1994), e quando uma das turmas teve contato com a artista **Miriam Tolpolar** em seu atelier, esse trabalho foi se ampliando. Mas foi só a partir de 2004 que a sistematização dos conteúdos do ensino de artes visuais tomou corpo no currículo, tornando o trabalho nessa área mais consistente. Filha de Maria Celeste Koch, que levou questões sobre matemática ao mesmo Seminário, a qual, por sua vez, foi uma querida professora das irmãs Baldi no Instituto de Educação Gen. Flores da Cunha,

onde estudaram no primário, **Lucia Koch** assessorou até 2007 as educadoras da **Projeto a respeito de arte. Doutora em poéticas visuais** pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP), Lucia **confrontou ideias preconcebidas e apontou caminhos para a abordagem da arte contemporânea** – um universo nem sempre explorado adequadamente até hoje na maioria das instituições de ensino de crianças e jovens.

– *A Lucia Koch desconstruiu nossa ideia de trabalho com arte. Ela via que a gente trabalhava de tudo um pouco nessa área, mas de forma muito misturada, desordenada. Ela então nos ajudou a montar um currículo de artes, que hoje tem pequenas modificações a partir de coisas um pouco mais recentes que a gente começou a ler, mas que é basicamente o mesmo sugerido por ela naquela época. A Lucia nos ajudou a pensar como distribuir as diferentes linguagens das artes visuais ao longo da escolaridade da criança. Então, tem momentos em que o projeto tem um foco no desenho, em outros é na fotografia, noutros é na escultura e no tridimensional – informa Deborah Vier Fischer a respeito desses aprendizados com Lucia Koch, que viria a ser a artista estudada de 2007.*

A diretora Neca Baldi ressalta também a **relevância da troca que a equipe da escola mantém com os artistas:**

– *É importante que o professor acompanhe o artista e aprenda com ele da mesma forma que os alunos. Assim, o artista acaba enxergando no professor alguém capacitado a fazer intervenções interessantes sobre o trabalho dele e desenvolver com os alunos as questões que ele levanta com sua obra em sala de aula.*

Curiosamente, a Escola Projeto não tem professor de artes visuais: esse conteúdo é tão presente no dia a dia dos alunos, desdobrando-se em quase todas as disciplinas do currículo, que a coordenação pedagógica considera dispensável reservar-lhe um docente específico – decisão que as educadoras reconhecem ser singular e mesmo discutível.

Esse jeito particular de pensar e encarar a arte na escola encontrou eco na temporada de 2017: a artista convidada foi **Teresa Poester**, que decidiu compartilhar com as crianças suas pesquisas e inquietações a respeito do desenho livre e suas possibilidades expressivas – incluindo principalmente a espontaneidade dos rabiscos.

– *As crianças diziam: “Teresa, teu trabalho é rabiscar, é só riscalhada”. E ela, com aquele jeito simpático dela, sentada entre eles na sala de artes, respondeu: “Pois é, às vezes eu acho que é uma riscalhada por riscalhada, mas às*





*vezes é riscalhada com penso, e a riscalhada com penso é a que eu gosto”. Alguns concordaram com ela, outros não. Mas esse episódio mostrou para os alunos que é possível pensar de maneiras diferentes – resume Deborah.*

A coordenadora pedagógica cita ainda outro episódio relacionado com o trabalho sobre Teresa Poester como prova de que **a arte ajuda as crianças a encontrarem uma forma particular de se expressar**. No dia de abertura da mostra dos desenhos inspirados na “riscalhada com penso” da artista – que ocupou todos os espaços da unidade da Av. José Bonifácio –, uma mãe abordou Deborah:

*– Eu queria agradecer porque meu filho tem enorme dificuldade de se expressar em casa e com os colegas, mas acabou se soltando e encontrando uma forma de se comunicar por meio do desenho rabiscado.*

Nacionalmente premiado e elogiado, destacado na 2ª Bienal do Mercosul (1999), **Mauro Fuke** é o convidado do Encontro com o Artista em 2018. O escultor porto-alegrense lembra que sua obra já foi objeto de estudo na escola antes:

*– Na primeira vez que fiz uma atividade na Projeto foi somente com os alunos, há uns 10 anos. Me lembro de apresentar meu trabalho e fazer uma atividade de um dia com os alunos, acho que com desenhos.*

Para Fuke, a troca com as crianças é sempre gratificante:

*– O legal desse tipo de atividade é receber um feedback simples, descontaminado de referências culturais. Sempre é bom receber visões descompromissadas e espontâneas.*

Filha de **Lia Menna Barreto** – artista convidada de 2004 – e Mauro Fuke, a ex-aluna Lara Menna Barreto Fuke recorda-se com vivacidade como a escola ajudou-a a enxergar o mundo de uma maneira mais instigante:

*– Lembro de alguma aula de artes que tivemos, em que estudamos algum pintor, e percebemos como o olhar dele era diferente do nosso olhar do dia a dia. Saímos então para o pátio, que nesse dia ia ser na Redenção. Passei todo o tempo do pátio olhando as copas das árvores e comentando com os professores o quão impressionante era aquele desenho que elas faziam. **Esse aprendizado não me abandonou mais: aprendi a ver na escola. Aprendi a observar de perto, com calma, a treinar um olhar cuidadoso.***

Pedro Llantada Nunes é outro ex-aluno que foi picado muito cedo pelo bichinho da arte. Filho da médica Claudia Guimarães Llantada, frequentou a Projeto de 2006 a 2010. No texto a seguir, o estudante

de psicologia da PUCRS, de apenas 17 anos, reflete com maturidade e profundidade a respeito do imbricamento entre educação, cultura, sociedade, cidadania e arte:

*Pergunto-me se há, de fato, gosto pela arte. Ou se, na verdade, essa aproximação ocorre de maneira natural, humanizada e independente de qualquer fator sistemático. Não acredito na humanidade enquanto primeiro passo para o envolvimento com a arte, mas na arte enquanto humanizadora do sujeito. O papel da educação parece-me carente de ressignificação. Estamos cercados de instituições escolares que preparam seus estudantes para o mundo tal como conhecemos. Preparam-nos para suas vidas adultas, quadradas e bem adaptadas a um sistema estabelecido de competição, do individualismo, da hierarquização, entre outras características aplicadas desde a primeira infância sobre as crianças dessas instituições.*

*A vivência da infância enquanto parte essencial do desenvolvimento e, por meio desta, a potencialização da humanidade dos pequenos estudantes enquanto sujeitos que vivem no período da infância e, portanto, para esse período, pode se dar de diferentes maneiras. Uma delas é por meio das características culturais, do contato com uma cultura democrática e inclusiva. Dessa maneira, o primeiro contato da criança com uma produção artística – a qual desenvolverá, nela, a capacidade de sentir o produto da arte para que, mais tarde, permita o desenvolvimento rumo à possibilidade de relativização cultural – é o caminho trilhado essencialmente da arte para a construção da humanidade do sujeito.*

*A Escola Projeto aplica de maneira prática e sensível esse curso teórico. **Introduz, entre o primeiro contato com números e letras, atribuindo a ela essencial importância, a experimentação de teatro, música, artes visuais, artesanatos e audiovisual.** Tal aproximação faz-se sempre humanizada e representativamente, não atendendo aos padrões sistematicamente impostos, que desumanizam e determinam as atividades políticas e sociais do sujeito que se desenvolve. O entendimento da organicidade que, necessariamente, deve caracterizar a aproximação da criança com a arte é aplicado de maneira sensível e atenta pelas professoras e pelos professores. Elas e eles possibilitam a experimentação sensorial e, posteriormente, histórica, política e social. Assim, ressignificam aquele primeiro contato com as letras, por exemplo, determinando-o de acordo com temas socioculturais que envolvem a função social da arte. A escola cria, até o quinto ano do ensino fundamental, o espírito de comunidade humanizada, o qual sustenta a construção a longo prazo de um indivíduo agente de sua cultura, livre e com vontade de intervir socialmente.*





## TERESA POESTER

*artista estudada em 2017*

Fiquei feliz com o convite para trabalhar na Projeto. Meus melhores momentos quando criança, e depois quando professora, foram os anos de aprendizagem na Escolinha de Arte da UFRGS, e a Projeto tem uma filosofia parecida. Nosso primeiro contato foi em 2015, no ano seguinte fui em pós-doc para a França trabalhar com o Atelier D43, grupo que coordenava no IA-UFRGS. Adiamos o trabalho para o segundo semestre de 2017.

Sabia, por alguns colegas artistas, que as crianças estudariam minha trajetória e criariam a partir de meus desenhos e pinturas. Mas, desde o início, pensei outras coisas e tive total liberdade para propor o que quisesse. Decidimos trabalhar o desenho, centro de minhas atividades, focado no processo lúdico das experiências coletivas com o Atelier D43, e não no meu trabalho pessoal ou na realização de um resultado. Ideia afinada com o pensamento da escola, que entusiasmou os professores já curiosos para experimentar os exercícios vistos por meio dos vídeos na exposição Boîte à Dessin, no primeiro semestre do mesmo ano. A maioria das crianças conversou comigo e experienciou algumas ideias no próprio local da mostra, ainda no mês de maio.

No início de agosto, mostrei na Projeto um resumo dos 40 anos de minha trajetória individual, mas a proposta com as crianças foi o desdobramento natural do que vinha fazendo no momento, um desenho gestual como ação ou performance de ateliê registrada em vídeo, suporte das ações.

O objetivo foi inventar estratégias para facilitar ou dificultar os movimentos do corpo, estimulando novas formas de desenhar. Juntamente com as professoras e diretoras, vivenciamos novas possibilidades práticas do desenho e conversamos sobre o embasamento teórico do trabalho. Percebi um aprofundamento na compreensão das propostas. **Estávamos associando motricidade física e mental por meio de brincadeiras que solicitam o corpo todo para desenhar. A partir desses encontros, as professoras criaram exercícios incríveis, indo muito além do que eu poderia imaginar.**

Queríamos experimentar coletivamente: misturamos o desenho virtual utilizando tábuas gráficas; gravamos vídeos das telas dos laptops onde as crianças desenhavam com os dedos; amarramos elásticos nas mãos e braços dos alunos uns aos outros, enquanto um puxava o outro, tentavam romper a resistência do elástico como se fosse uma marionete com os movimentos controlados pelo colega; trabalhamos alternadamente com um grupo de alunos desenhando sobre transparências utilizando o retroprojetor, enquanto outro completava o que ia sendo projetado no papel; utilizamos extensores para ampliar o braço e criar um outro tipo de relação do corpo com o suporte em grandes formatos. Jogos que permitem conter o automatismo dos gestos para descobrir outros. A infinidade de descobertas que surgiram não caberia num texto curto.

Essa é uma experiência extremamente física. Trabalhando com as crianças senti que me falta hoje, aos 63 anos, a energia para realizar determinadas propostas, e muitas vezes ficava bastante cansada. Mas o pique, o entusiasmo e a criatividade dos alunos e das professoras foram meus combustíveis.

As conversas e as perguntas em relação à arte me fizeram perceber que as crianças, com as quais eu não convivía há décadas, haviam mudado muito. Ou seriam as crianças da Projeto?

Lembrarei sempre a emoção de ver todo esse trabalho reunido com cuidado no dia da apresentação final, o carinho com que fui tratada e as descobertas que essa experiência me aportou.

**O artista trabalha sempre na esperança de se surpreender. E foi uma surpresa enorme ver o quanto as professoras e as crianças, grandes protagonistas dessa história, me ensinaram mais do que eu a elas.** Obrigada, Projeto.



## ZORAVIA BETTIOL

*artista estudada em 2016*



Há anos tenho ouvido falar que a Escola Projeto está entre as melhores escolas de ensino fundamental de nossa cidade. Portanto, o convite para que eu fosse a artista cuja obra seria estudada no segundo semestre de 2016 me causou muita alegria.

Tenho recebido muitas propostas para trabalhar com crianças e adolescentes e sempre tenho de fazer algumas observações ou ajustes para que minha participação com os alunos seja produtiva, mas este não foi o caso com a Projeto. Recebi da Deborah Fischer e da Neca Baldi uma proposta de um projeto maduro, bem feito, irretocável.

Tive um encontro com os pais na sede da escola para explicar o projeto. Em seguida as professoras visitaram meu estúdio para conhecer melhor meu trabalho e levaram catálogos, livros e outros materiais didáticos para estudarem e começarem a preparar os alunos.

Ficou combinado que, quando os alunos estivessem em uma fase adiantada dos trabalhos, eu me reuniria com eles. Mas, detalhe importante, cada aluno já conhecia a minha obra e cada turma decidiu produzir trabalhos inspirados em algumas das minhas séries, temas e técnicas com as quais me expresso.



Os alunos da Escola Projeto puderam visitar a minha exposição ZORAVIA BETTIOL – O LÍRICO E O ONÍRICO, no Museu de Arte do Rio Grande do Sul (Margs), e também no meu estúdio, na época na Vila Assunção, a mostra OPRESSÃO/LIBERTAÇÃO – O ETERNO CONFRONTO, e acredito que essas visitas colaboraram para estimular mais ainda a criatividade, a ousadia e o prazer na realização de seus trabalhos.



A minha participação encerrou-se no final de novembro e, no dia 1º de dezembro de 2016, um sábado ensolarado, na Unidade 2 da escola, foi aberta a visita da comunidade à mostra de artes visuais da Projeto. A ideia era “zoraviar pela escola experimentando modos de pensar o trabalho da artista”. O verbo veio de um aluno da quinta série que tinha, na época, 10 ou 11 anos.

**Minha experiência com a Projeto foi, além de prazerosa, um exemplo pulsante de que é possível se conseguir excelentes resultados quando se une arte e cultura com professores bem preparados, dedicados e amorosos.**



## MIRIAM TOLPOLAR

artista estudada em 2014



“Minha filha, faz licenciatura, pois assim pelo menos tu vais ter um salário!” Essa frase ouvi de minha mãe quando decidi estudar artes plásticas. E assim cursei licenciatura em educação artística e logo em seguida bacharelado em pintura, no Instituto de Artes da UFRGS.

Professora e artista. Aos vinte e poucos anos não sabia bem o que isso significava, nem como essas duas áreas iriam se relacionar e misturar ao longo de minha vida. Confesso que, no início, pensava serem duas coisas diferentes, dois trabalhos. Aos poucos fui percebendo que ambas coabitavam e se nutriam uma da outra, transformando aos pouquinhos as minhas duas atividades: criar e ensinar.

Meu primeiro contato com a Escola Projeto foi em 1991, quando recebi os alunos da professora Inês Mamede no MAM – Atelier de Litografia\*. Lembro ainda desse encontro, que provocou inquietações, risos e surpresas a todos nós. Essa foi minha primeira experiência ensinando às crianças o que é litografia em uma oficina de gravura. E a partir desse primeiro encontro, ao longo dos anos, minha relação com a escola foi se estreitando: muitos outros grupos de alunos visitaram a Oficina de Litografia do Atelier Livre\*\*, muitos encontros com professores, até que em 2014 fui a “artista convidada” da escola!

Recebi esse convite como um prêmio e me perguntei: “O que faz um artista convidado?”. Compreendi que gostaria de me misturar com as crianças em momentos de criação, ver como elas reagem às surpresas dos procedimentos gráficos e também frente às minhas obras. Foram três meses de atividades intensas com todas as turmas da escola, em que me desafiei a propor atividades em que as crianças e professoras vivenciassem conceitos da gráfica e também conhecessem um pouco de meu trabalho. Trouxe uma miniprensa, tintas e ideias. E a equipe da Projeto se envolveu de tal forma que tudo se tornou possível.

\* MAM – Atelier de Litografia, criado pelas artistas Maria Tomaselli, Anico Herskovits e Marta Loguercio, funcionou de 1981 a 1991, em Porto Alegre.

\*\* Atelier Livre da Prefeitura de Porto Alegre Xico Stockinger, criado na década de 1960, sediado no Centro Municipal de Cultura desde 1978, oferece à comunidade oficinas regulares práticas e teóricas e o já consagrado Festival de Arte Cidade de Porto Alegre.

Mostrei minhas gravuras, trabalhamos com monotípias com os pequenos, construímos matrizes, utilizamos materiais alternativos, fizemos xilogravuras com os maiores e também o tradicional encontro na oficina de litografia.

**Observar as crianças enquanto trabalhavam me trouxe ideias, respostas, muitas interrogações e prazer, pois as reações na medida em que elas trabalham são imediatas e espontâneas.** Escutá-las é delicioso. Escutá-las conversando entre si, escutá-las trocando ideias ou mesmo cantando. Também ouvi inquietações, percebi um medo fugaz, talvez do desconhecido, e vi o espanto em cada rostinho ao levantar o papel que vai se descolando da matriz, revelando aos pouquinhos a imagem produzida por elas.

**E a cada encontro em que mostrei meu trabalho revelavam-se novas leituras, como que desnudando e reconstruindo as obras, e a cada dia saía da Projeto mais cheia de inquietações e contentamento.**



# ARTISTAS VISUAIS ESTUDADOS

2018



MAURO FUCE

2014



MIRIAM TOLPOLAR

2006



ÉLCIO ROSSINI

2017



TERESA POESTER

2013

ARTISTAS DA  
9ª BIENAL  
DO MERCOSUL

2010



WALMOR CORREA

2005

ARTISTAS DA  
5ª BIENAL  
DO MERCOSUL

2016



ZORAVIA BETTIOL

2012



CRISTINA  
BIAZETTO

2009

ARTISTAS DA  
7ª BIENAL  
DO MERCOSUL

2008



HÉLIO FERVENZA

2004



LIA MENNA  
BARRETO

2015

ARTISTAS DA  
10ª BIENAL  
DO MERCOSUL

2012



ANDRÉ NEVES

2007



LUCIA KOCH

2003



EDUARDO VIEIRA  
DA CUNHA

2012



LAURA CASTILHOS

2002



MARIA TOMASELLI

2011

ARTISTAS DA  
8ª BIENAL  
DO MERCOSUL



João Eckert  
turma 41



Estêvan  
turma 41





# Uma escola de resistência

## e sem limite

**“O que acontece depois que sair da Projeto?”** A pergunta, diz Neca Baldi, é feita por nove entre 10 pais, preocupados com o futuro escolar dos filhos depois do quinto ano – etapa final de estudos oferecida pela Projeto.

– *“Como é que vai ser: depois eles vão para onde?”* Vão para qualquer escola, só que eles vão diferentes, vão como pessoas com uma formação bárbara. Eles questionam. No sexto ano, em uma sala de 35 alunos - aqui são apenas 20 - eles levantam a mão e dizem *“Não, eu não fiz desse jeito, eu não tô concordando com isso”* – exemplifica orgulhosa a diretora.

A relação com os livros é sintomática desse diferencial que a passagem pela escola deixa como marca em seus alunos. Segundo Neca, os estudantes egressos da Projeto têm uma compreensão literária que extrapola as avaliações restritas das fichas de leitura – além de, não raro, já terem lido antes os títulos indicados pela nova escola.

– *Assim, a obrigação de ler nem afeta tanto os nossos ex-alunos porque eles leem muito. Só fica chato um pouco o jeito que vão explorar o livro em outra escola. Mas eles vão com um pique único.*

A coordenadora pedagógica Deborah Vier Fischer sintetiza:

– *A gente não mata a literatura.*

Já quem chega de casa com o germe da arte incubado encontra na escola um campo fértil. É o caso da Sofia Luz Nader, que estudou lá dos dois aos 10 anos. Filha da terapeuta ocupacional Carolina Luz e do músico Mauricio Nader – que chegou a ser professor de música da Projeto –, a estudante de artes visuais de 18 anos reconhece ser fruto desse meio fecundo:

– *Estudar na Projeto me fez enxergar a vida bonita. Com um olhar que vê diversidade com afeto. Uma escola que planta curiosidade e inspira a criatividade em cada aluno que passa por lá. Me tornei uma pessoa que ama e vive a arte de todas as formas por causa da Projeto. Acordava com o sorriso nas orelhas para chegar naquele lugar que eu era livre para criar e me expressar através da música, da pintura, do teatro.*

Também no nível afetivo as sequelas são para a vida toda. É comum ex-alunos e seus pais manterem a amizade com seus antigos pares anos depois de todos deixarem a escola. André Mendonça diz que é sempre uma alegria reencontrar velhos colegas. A camaradagem e a identificação sobrepassam muitas vezes caminhos profissionais eventualmente distintos: o baixista da Marmota conta que recentemente sua banda de jazz tocou no lançamento do livro *MEDIDAS ASSECURATÓRIAS NO PROCESSO PENAL: TEMPO, URGÊNCIA, PROBLEMÁTICAS*, escrito pelo advogado e especialista em ciências penais Enrico Silveira Nora, contemporâneo de André nas turmas da Projeto.

A fonoaudióloga Luiza Milano conta que até hoje se relaciona com pais de ex-colegas dos filhos – Manuel e Livia, por sua vez, apresentam os amigos que mantêm desde os tempos da Projeto como “primos”.

*– A Projeto nos ajuda a fechar o laço com nossos filhos com arte, afeto, cultura, cidade, sociedade. Vejo meus filhos encarando o mundo de maneira muito genuína e com liberdade de escolha. Isso é mais trabalhoso do que simplesmente seguir um roteiro predeterminado pelos pais ou pela sociedade. Mas eles e os ex-colegas estão indo bem para a vida – confia Luiza.*

Outro “efeito Projeto” apontado por Luiza é a capacidade de olhar a cidade pelas bordas a partir da cultura. Recém-formado no curso de Publicidade e Propaganda na PUCRS, Manuel Surreaux, 21 anos, elegeu o fenômeno das marcas comerciais surgidas na periferia como tema de seu trabalho de conclusão de curso.

*– O Manuel gosta de registrar no celular batalhas de slam (competições urbanas em que poetas jovens leem ou recitam um trabalho original de sua autoria). Um dia, ele me disse que teve coragem de apresentar no final de uma batalha os raps que compõe, que ele não mostrava para ninguém além da namorada e de mim, depois que um dos competidores convidou: “Mano, guarda este celular e vem mostrar teu verbo”. O Manuel está conhecendo a cidade pela via da arte periférica.*

O depoimento de Patrícia Lamachia Madke sublinha **as influências humanísticas absorvidas por suas três filhas nesse percurso que extrapola o mero aprendizado formal:**

*– Hoje a Luiza e a Maitê não estudam mais na Projeto. Elas acompanham a Paola nas suas descobertas e têm a oportunidade de reviver o dia a dia da escola. Sei que carregarão para a vida inteira os aprendizados e as vivências que tiveram durante todos esses anos. Tenho a certeza de que a escola ajudou a formar nas minhas filhas cidadãs humanas, respeitosas, empáticas e críticas.*



Mais do que educar e preparar para o futuro, a Escola Projeto forma sujeitos plenamente conscientes de suas potencialidades. A psicanalista Débora E. Bertol, mãe dos ex-alunos Enrico, Eudora, Antônia e Catarina, chama atenção para a continuidade dessa missão:

– *Na Projeto as construções e as desconstruções de subjetividades têm seus espaços. Espaços para discussões e estabelecimento de laços emancipadores, sobretudo com arte e seu lastro subjetivo. É interessante pensar que a questão de fundo dessa escola é a constante reflexão sobre a cultura e o que não pertence imediatamente à cultura. Sempre uma distância difícil de percorrer, um percurso de 30 anos que é para poucos. Prossiga, Projeto!*

Quem conhece pessoalmente Neca Baldi sabe de seu proverbial entusiasmo. Quando o assunto é a Escola Projeto, a paixão derrama-se não apenas na fala, mas também no brilho do olhar, nos gestos rápidos que riscam o ar, no corpo que não se aquieta na cadeira.

– *É por isso que a gente inventa. A escola funciona se ela tiver esse espaço de invenção, de pensar, de movimentar esse pensamento o tempo inteiro, deixando a gente nessa energia assim. Na verdade, a gente não tem limites!*

O arremate fica por conta da igualmente entusiasmada Deborah Vier Fischer, frasista de mão cheia:

– *A Projeto é uma escola de resistência.*

Filha dos psicanalistas Eda Tavares e Alfredo Jerusalinsky, a artista e escritora Marina Jerusalinsky, 27 anos, leva consigo lembranças, aprendizados e afetos cultivados em seu tempo de Projeto. No texto que escreveu especialmente para este livro, a pesquisadora em artes e arte-educação revela um pouco dessa memorabilia pessoal recolhida entre 1993 e 2000 – e cita com carinho **uma verdadeira instituição da escola: Saionara Fortunato Santarém**, que trabalha em serviços gerais na Projeto desde setembro de 1989 e mora no coração de gerações de alunos.

## SOBRE FLORESTAS

Estou em uma floresta de taquaras em cima de uma montanha, fazendo sozinha uma trilha onde ninguém pode me ver. De repente, a madeira torna-se um navio em meio a águas agitadas, e meus amigos e eu tentamos escapar de um naufrágio. Gritamos um para o outro através da enorme distância permeada pelas formas verticais que nos separam. Então aparece Saionara, e nos diz que a hora do pátio acabou. Por mais divertida que estivesse a brincadeira, Saiô sempre sabia como tornar as coisas melhores, mesmo anunciando o fim do recreio. Não que o mérito fosse todo seu, sejamos justos, pois tampouco era um sacrifício voltar para a aula.

Alguns anos mais tarde, entrei outra vez na escola Projeto e encontrei Saiô igualzinha, com exceção de alguns cabelos brancos, mas ri à visão do mirrado conjunto de taquaras que outrora me pareciam uma floresta. Assim mesmo entendi: **a Projeto era a saudosa memória de um lugar onde se podia dar asas à imaginação.** Não sei precisar exatamente por quê...

Talvez fossem os livros. Na Projeto aprendi que mais importante do que saber ler é saber o sabor de um livro. Havia poucas coisas mais prazerosas do que encontrar na feira no meio de dezenas de bancas cheias a Editora Projeto, dar “oi” para a professora Annete e procurar





o próximo exemplar a ser devorado. Isso, mesmo que na escola também tivéssemos feiras do livro; tinha certo orgulho de ver a banca da minha escola lá no meio da Praça da Alfândega. Ou talvez fossem as aulas de teatro, onde aprendi que princesas podem ser engraçadas, e não só belas e indefesas; ou então, as aulas de música e o coral com a professora Beth, em que aprendi que na aquarela tem cor de sol, barco a vela e gaivota, e que um risco pode virar castelo ou guarda-chuva. Mas acho que era tudo junto, misturado, claro, com minha imaginação de criança.

**O melhor da Projeto era a colocação em prática de seu próprio nome: estar sempre em projeto e, portanto, aberta à colaboração – por exemplo, com a criação do hino da escola pelos próprios alunos, ou a participação de nossos pais em dezenas de atividades.** Além da imaginação, a Projeto se preocupava em nos proporcionar experiências que pudessem servir para a vida, como um todo. Saber contas matemáticas era tão importante quanto saber como fazer uma composteira. Lógico que nem todas as memórias podem ser boas, mas dos desentendimentos que surgiam entre as crianças, com o suporte que nos davam, tentávamos aprender a ser mais humanos; e sei que muitos, com quem ainda hoje falo, conseguiram.





## *Com a palavra, a família Projeto*

Mães, pais, ex-alunos, artistas visuais, músicos, escritores – todo mundo quer falar sobre a Projeto e deixar seu registro nesta espécie de “livro de presença” de 30 anos da escola. Aqui vai então mais um punhado de depoimentos de quem leva a Projeto na memória e no lado esquerdo do peito.



## RUSSEL TERESINHA DUTRA DA ROSA

*professora da Faculdade de Educação da UFRGS e mãe da Isabela (aluna de 2008 a 2013)*

### A ESCOLA PROJETO: ESPAÇO DE VIVÊNCIA DEMOCRÁTICA COM MUITA ARTE

A Escola Projeto acolheu diariamente não só a Isabela, mas também nós, os pais, com o sorriso, a sensibilidade e a atenção da Saiô, que tornavam a chegada e a despedida momentos de muito afeto.

As inúmeras lembranças marcantes do trabalho extraordinário realizado por uma equipe muito qualificada transbordam o espaço deste texto. Nesses seis anos, do grupo quatro da educação infantil ao quinto ano do ensino fundamental, foram muitas professoras marcantes, como a Iana, a Raquel, a Márcia, a Andréa, a Michele, a Tati (de inglês), desenvolvendo estudos em profundidade, além de brincadeiras. Dentre as lembranças **destaco a matemática construída pelo compartilhamento de diferentes estratégias para a solução de problemas, respeitando e propiciando oportunidades de aprender com o jeito de cada um** e associada a outros campos do saber. Os circuitos de exercícios físicos e motores construídos por meio de jogos. Os conhecimentos histórico e geográfico, passando pela exploração do patrimônio arquitetônico e imaterial com estudos acerca da presença das culturas de origem africana e indígena na linguagem, o conhecimento de territórios negros em Porto Alegre e vivências intensas e prolongadas nas missões jesuíticas e no litoral gaúcho.

Na Escola Projeto, **as crianças, compreendidas como sujeitos plenos, experimentaram o exercício da cidadania, por meio de ações e reflexões, como nos grupos áulicos** em que puderam escolher os colegas não só por afinidade, mas também aqueles que acreditaram poder ensinar ou apoiar, ou com os quais desejaram aprender. Depois de um período de trabalho e convivência nesses grupos, estimuladas a analisar os seus desempenhos e registrar suas impressões sobre o funcionamento da equipe, identificaram linhas de ação bem-sucedidas e aquelas que poderiam ser aperfeiçoadas. Assim, bilhetes escritos e recebidos dos integrantes do grupo e autoavaliações possibilitaram que metas e estratégias para concretizá-las fossem traçadas. Além disso, assembleias de turma, planejadas por todos, por meio do registro de congratulações pelos acertos, e de problemas a serem debatidos pavimentaram a redefinição de



Desenho no muro do pátio,  
feito pelo 5º ano/2017,  
sob coordenação  
de Cauan Rolin Ferreira



rumos e de compromissos coletivos. Nessas assembleias, os papéis de coordenação e de controle do tempo de fala circularam e todos tiveram a oportunidade de argumentar.

A presença diária da literatura com tempo para a exploração da riqueza da biblioteca, livros trazidos na mochila para uma leitura compartilhada em casa, o estudo da obra de autores convidados, em diversas formas de interagir com os textos e com os pares, levaram ao prazer de ler. As feiras do livro na escola e a visita à feira da cidade, em que professoras e alguns pais, como o da Isabela, acompanharam um conjunto de “abelhinhas em voo” pelas bancas, são algumas das lembranças da dedicação da equipe.

Assim como a literatura, a música com um professor como o Marcelo, expoente da cena musical local em intercâmbio permanente com artistas não só de outros Estados, mas de países vizinhos, propiciou o conhecimento da obra e o contato inesquecível com músicos como o Giba Giba e o Nico Nicolaiewsky. A expressão e a fruição das artes visuais, a familiaridade com a produção de pintores, escultores e desenhistas, visitas a galerias e museus, participação em eventos, como a Bienal do Mercosul, ancoradas em propostas pedagógicas de longa duração, permitiram a produção de releituras pelas crianças, inspiradas pelas experiências diversificadas.

Mas encerro este texto com o que **considero como uma síntese de tudo isso: as aulas de teatro e as oficinas de vídeo com a Mônica e o Gyan, em que minha filha, com seus colegas, encontrou espaço para narrar e lidar com histórias de terror, suspense, crimes e injustiças, mas também fábulas, experiências circenses, comédias e textos clássicos da dramaturgia.** Construiu roteiros, figurinos e cenários, sendo instigada a expressar de forma clara e lúdica não só com o uso da voz, mas com todo o corpo, o que precisava dizer e, assim, ser plenamente Isabela.

Obrigada, Escola Projeto! Parabéns pelos 30 anos educando a todos nós!

## HELOISA PRIETO

autora estudada em 2003 e 2015

Tive o grande prazer de conhecer Annete Baldi ainda em São Paulo, durante um evento para educadores. Na ocasião, conversamos sobre a possibilidade de uma palestra para pais e leitores na Escola Projeto. Nossa amizade foi crescendo ao longo do tempo, envolvendo conversas sobre pesquisa, teses acadêmicas, experiências com literatura e crianças. Finalmente, pudemos concretizar a ideia original de uma vinda a Porto Alegre. O primeiro contato com a Escola Projeto foi emocionante, adorei a equipe, as instalações e, é claro, a sagacidade, a sensibilidade, o acolhimento e o carinho das crianças e seus pais.

Ao longo dos anos pude voltar à escola, sempre com enorme satisfação. À medida que meus novos focos de interesse ampliavam a abrangência de minha obra, grande era minha alegria diante da possibilidade de trocar ideias e discutir os livros com esses leitores extremamente atentos e críticos, no melhor sentido da palavra. Ler é criar, a cada leitor um universo a expandir-se muito além das palavras propostas por mim nesse jogo sem fim que é a literatura.

“De onde você tira sua inspiração?”

Naturalmente, essa era a pergunta mais recorrente, a grande curiosidade de jovens e adultos. Essa frase faz parte de meu cotidiano de escritora, o que nem sempre acontece é ver-me diante de **leitores interessados na ideia do livro enquanto “projeto”, no fazer literário propriamente dito, no entrelaçamento entre vida e obra, a narrativa como uma forma de pensar e ressignificar as vivências.**

A obra do grande escritor irlandês William Butler Yeats, detentor do Prêmio Nobel, tem sido uma influência permanente em minha carreira. Capaz de gerar um clima de encantamento e fantasia, criador de uma poesia de contundente lirismo, ele bem dizia: “Educar não é encher um balde, mas acender uma fogueira”.



## TIAGO FLORES

*músico estudado em 2013*



O ano de 2013 foi especial para mim. Recebi um convite para participar de um programa da Escola Projeto, onde as crianças estudam e recebem um artista de nossa cidade.

Gostei da ideia, achei interessante e aceitei o convite. Não tinha noção de quão gratificante essa experiência seria para mim.

Em várias ocasiões naquele ano fui abordado em supermercados, em restaurantes, em praças e outros lugares públicos de Porto Alegre por crianças que se identificavam como alunos da Escola Projeto. Algumas só queriam dar um “oi”, outras pediam autógrafo e ainda outras uma foto. Essas abordagens sempre foram envoltas de afeto e carinho, com respeito e admiração, ficando claro para mim a seriedade com que a escola trata o estudo das artes com a importante valorização do artista.

Mas a melhor parte foi quando estive nas salas de aula conversando com as crianças, cantando com eles e respondendo as suas perguntas. Mostraram-se realmente interessadas em conhecer e entender a arte da música, detalhes da função do regente e também sobre minha carreira.

Muito legal ver o entusiasmo com a música e o carinho que demonstraram comigo. Aliás, também não faltou carinho por parte da direção e dos professores.

Creio que isso só é possível porque **a Projeto trata o estudo da arte com muita seriedade. Os alunos se expressam com naturalidade. Foi lindo vê-los cantando e mostrando os trabalhos que fizeram sobre a música, sobre a arte da regência e da orquestra.**

Como é fantástico esse mundo da música, e mais fantástico ainda é ver uma escola utilizando essa linguagem para dar asas à fértil imaginação infantil.

Terminamos o ano com um concerto didático para crianças e pais da Escola Projeto. Não poderia ter sido melhor.

Muito obrigado pelo convite.

Foram momentos maravilhosos!

Uma das melhores experiências da minha vida.



ROSEANA MURRAY

autora estudada em 2005

Não me lembro o ano. Nunca me lembro o ano em que as coisas acontecem. Faz muito tempo!

Mas, sim, me lembro da atmosfera.

Era de amor quando entrei na Escola Projeto.

Tenho uma sensibilidade especial para farejar amor.

Lembro que fui maravilhosamente bem recebida.

Que os alunos eram felizes.

E que havia uma mesa com todos os meus livros publicados até então, e já eram muitos.

Vê-los assim, todos juntos, foi muito impactante. Tive uma espécie de revelação de que já tinha uma obra coesa, coerente. Foi a primeira vez que senti isso.

Annete confirmou essa minha impressão.

Lembro que era **uma escola alegre, colorida**. Não posso falar em pedagogia ou métodos, disso não me lembro. Mas todos sabemos que **se a escola faz com que a criança se encontre, desabroche, exerça seus dons e se sinta feliz, então é uma ótima escola**.

Parabéns a todos da Escola Projeto pelos 30 anos bem vividos!

E obrigada pelo carinho que recebi por ocasião da minha visita.



## ANTONIO VILLEROY

*músico estudado em 2016*



Fiquei muito feliz ao receber o convite para ser o músico estudado na Escola Projeto em 2016, pois sabia do projeto por meio de colegas que já haviam sido homenageados, e todos falavam maravilhas sobre essa iniciativa.

No dia do primeiro contato com os alunos, sob orientação do professor Ianes, percebi que não havia exagero no que haviam me falado. As crianças de todas as turmas, na proporção de suas idades e entendimentos, já se mostravam bastante familiarizadas com certos aspectos do meu trabalho. As perguntas que formulavam eram interessantíssimas e, de certa forma, me fizeram perceber as canções sob novos pontos de vista.

Sempre soube que, depois de pronta, uma música já não nos pertence mais no que diz respeito ao seu entendimento, às leituras que dela se possam fazer. Mas **o olhar novo, puro, cheio de encantamento com o que aquelas crianças percebiam minha obra impregnaram-me de um outro espírito, carregaram-me de boas energias e mais vontade de seguir no meu ofício.**

Foi emocionante ver os trabalhos que fizeram sobre cada música, os desenhos, colagens, pequenas instalações, de acordo com suas interpretações, o que me confirmou uma ideia que já tinha de que, com a educação correta, com disciplina e incentivo à criatividade, não há obstáculos para o desenvolvimento, a compreensão ou, simplesmente, a fruição de qualquer objeto de arte.

E isso me leva a refletir sobre o momento crucial que estamos vivendo, nestes últimos quatro anos e, de forma ainda mais acentuada, neste ano de 2018, em que escrevo este texto, em que observamos uma tentativa, por parte de setores conservadores da sociedade, de esvaziamento, de desmonte das estruturas de conhecimento, de arte e de cultura, de ciência e de reflexão.

**A Escola Projeto, portanto, é como um farol no meio dessa penumbra, cumprindo um papel fundamental de resistência, de educação com profundidade, preparando futuros cidadãos com as ferramentas**



necessárias para uma melhor compreensão do mundo em que vivemos, com todas suas complexidades, riquezas, diferenças e múltiplas possibilidades.

No dia do show que coroou todo esse processo, o Teatro da AMRIGS estava lotado com uma plateia preponderantemente mirim, cujos ruídos e inquietudes, nos instantes que precederam minha apresentação, encheram-me de uma forma nova de entusiasmo, de uma imensa felicidade como talvez não tenha sentido antes.

No decorrer do show, foi incrível ver e ouvir aquelas crianças fazendo coro nas canções, apropriando-se delas com naturalidade. Confesso que algumas vezes tive que segurar o choro, tamanha foi a emoção.

Foram minutos infinitos de troca e maravilhamento. E por isso agradeço ao convite de Beth e Neca Baldi e a gentileza e atenção de todos os professores e demais profissionais que prepararam as crianças e me receberam com tanto carinho.

Que essa escola tenha vida muito longa e sirva de exemplo a outras instituições de aprendizado e desenvolvimento.



## LAURA CASTILHOS

*ilustradora estudada em 1998 e 2012*



Era 1994. Minha primeira ida à Editora Projeto. Fui recebida na escola por Saionara e seu largo sorriso. Ao entrar, a primeira impressão foi de que ali se respirava arte, se aprendia com arte, e se divertia com arte. Havia cor nas paredes, desenhos e pinturas por todo lado, e uma agradável biblioteca batizada de “Os Colegas”. Havia alegria e falas animadas de crianças. O ambiente todo era muito acolhedor. **Lembrava casa, casa do saber, casa do aprender, casa do sonhar.**

Naquela época a editora ficava no fundo do pátio, num espaço que parecia uma pequena garagem.

Esse espaço lembrou-me o início dos meus anos escolares. Por um tempo, que não sei precisar, a garagem da minha vizinha de porta, Dona Zilá, serviu de sala de aula para os alunos do primeiro ano primário do Grupo Escolar Cândido Rondon, na zona sul de Porto Alegre. Ficava ali pertinho, na pracinha. Era de madeira como tantos outros, e um dia pegou fogo. Dona Zilá logo nos acolheu na sua garagem com mesinhas improvisadas. Foi delicioso!

Voltando ao que contava, naquele meu primeiro encontro com Annete Baldi, editora-chefe que se tornou amiga, tive o prazer de conhecer uma editora que se dedicava somente ao público infantil e juvenil. O que foi uma grande novidade para mim. Naquele dia ela me mostrou faceira um livro que há pouco havia sido editado. O VAMPIRO ARGEMIRO, com poemas do escritor Dilan Camargo, e do meu amigo, vizinho, grande ilustrador, Alemão Guazzelli. Annete convidou-me para ilustrar POESIA FORA DA ESTANTE, uma coletânea de poemas coordenada pela professora Vera Aguiar. Nada mais emocionante do que ilustrar o primeiro livro, e mais ainda por tratar-se de poesia. Com formação em artes visuais, eu nutria desde muito tempo uma grande vontade de ser ilustradora. Mas como assim ser ilustradora? Não tinha a menor ideia! Gostava de livros infantis. Na infância, não com a abundância atual, eu e minhas quatro irmãs crescemos em um ambiente propício à leitura. Minha mãe gostava muito de inventar histórias, quase sempre engraçadas.

Ao longo do curso de artes, em nenhum momento o ofício da ilustração foi aventado. E, por mais incrível que possa parecer, de lá saíram incríveis profissionais da imagem, entre eles, além do Alemão Guazzelli, outros tantos: Cristina Biazetto, Paula Mastroberti, Rodrigo Nuñez, Fabio Zimbres. Já finalizando este relato, quero contar só mais uma coisa, que Annete me confidenciou nesse dia. Para pagar os custos do livro *POESIA FORA DA ESTANTE*, ela estava vendendo seu carro. Esse livro tinha que sair! E saiu. E permanece sendo o livro com maior número de edições da Editora Projeto. Parabenizo as irmãs Beth Baldi Projeto, Neca Baldi Projeto e Annete Baldi Projeto pelos 30 anos dessa **escola tão viva e peculiar**. Assim como toda a equipe que toca a escola, e as crianças que lá habitam, e fazem a mesma ser o que ela é: **uma realidade feita de sonhos!**



## HIQUE GOMEZ

*músico estudado em 2001*

Imagina que um povo, uma comunidade, tem vários artistas na área da música. São compositores. Eles escrutinam a alma dessa comunidade. Eles são tocados por tudo o que os rodeia. Imagine que as pedras dessa cidade onde vive essa comunidade se comunicam com eles. Eles entendem as pedras dessa cidade. Eles olham para a linha que delinea o formato da cidade e conseguem ver um ser vivo. Eles tratam a cidade inteira como se fosse um organismo do qual eles fazem parte. Não só as pedras são inteligíveis para esses compositores, mas também os postes, os cachorros que fazem xixi nos postes, as crianças que brincam nos parques, os próprios parques. As árvores que dão vida a esses parques de forma absolutamente anônima e especialmente as águas que circundam essa cidade, onde vive essa comunidade.

Agora, tem uma coisa que toca a esses compositores de maneira muito especial. São as outras pessoas todas, que fazem parte dessa comunidade. Sem essas outras pessoas, o trabalho de traduzir todas essas coisas que tocam a esses compositores de maneira tão profunda, a sua própria existência não teria sentido. Porque o trabalho desses artistas é traduzir em forma de música e palavras tudo o que os cerca. A sua tarefa é criar um estado de reflexão em sua comunidade. Eles são agentes de comunicação que provocam um estado de reflexão. As pessoas dessa cidade escutam o que eles criam e refletem sobre o ser. Refletem sobre como é estar ali naquele lugar, constroem uma identidade própria. A partir da forma como esses artistas se expressam, as pessoas são capazes de interagir com os padrões de criatividade propostos por esses artistas, e esses padrões de criatividade servem para que essas pessoas ajam de forma criativa também e criem um ambiente criativo. Uma criatividade que serve não só para questões artísticas, mas também para questões práticas que chegam a envolver tudo o que fazem. Essa comunidade se reconhece como uma comunidade criativa. Eles não são máquinas. São organismos criativos. Para celebrar a vida eles não se vestem de colheitadeiras ou de trator. Eles se vestem de personagens criativos e expressam as vibrações que a própria vida lhes oferece. Eles se reconhecem como a própria vida. Eles são a vida.



Agora imaginem que tudo o que esses artistas fazem não é reconhecido por ninguém. Ninguém dá valor ao que eles fazem. Ninguém acha importância nenhuma. Imaginem que as crianças dessa comunidade não reconhecem o trabalho desses artistas, porque os professores não chamam a atenção para isso. Eles veem muitos filmes com histórias incríveis, produzidos em outras comunidades distantes, e acham que aquilo sim os representa. Então aquelas crianças daquelas escolas vão perdendo a conexão com as pedras dessa cidade. Com os postes, com as árvores, com os cachorros, com os parques e com as águas. Por fim, aquelas crianças perdem a conexão consigo mesmas e não conseguem decifrar-se. Elas transformam-se em esfinges que dizem “Decifra-me ou te devoro”. Como elas não conseguem decifrar-se a si mesmas, começam a se devorar umas às outras, porque é só o que lhes resta.

Eis que numa dessas escolas o procedimento é diferente. Os professores dão muito valor ao que os artistas produzem, e então conseguem decifrar o que as pedras dizem. O que dizem as árvores, os parques, os animais e as águas. Para essas crianças tudo faz sentido. Elas não perguntam quem sou eu ou quem somos nós. Porque elas sabem que estão construindo uma plena compreensão de si mesmas. A Escola Projeto tem feito um trabalho fundamental de trazer o entendimento antropológico para seus alunos. **Mostrando a produção cultural de nossa comunidade para seus alunos a escola está construindo uma comunidade consciente de si mesma.** Não há maior valor para uma comunidade. A consciência de si mesma é um fundamento para qualquer comunidade que quer construir um sólido trecho escola projeto/pavimento de vida. Parabéns a todos os envolvidos.



## GUTO LINS

autor estudado em 2011

### 30 ANOS PROJETANDO O FUTURO

Minha vida acadêmica e profissional é pautada por projetos.

Estudei design gráfico, um curso em que o aluno é avaliado por seus projetos. E não só o resultado, mas o processo. O conceito, a metodologia, a pesquisa, a busca de uma singularidade universal.

Toda a minha formação foi baseada no conceito “menos é mais” da escola alemã Bauhaus, em que os resultados sempre se alicerçam em um triplo “B” – não, nada de Big Brother, que, graças a Deus, nem existia: Bom, Bonito e Barato. Facilidade de acesso à beleza, à qualidade e à eficiência pelo maior número possível de pessoas.

Sou professor de design gráfico há mais de 20 anos e meu trabalho consiste em instigar meus alunos a buscarem relevância no que se projeta. A buscar e promover o diálogo com o outro. Um outro de carne, osso e coração latente. Projetos que busquem entender e dar respostas a usuários, e não em atender consumidores ávidos por novidades inconsistentes.

Paralelamente, em minha vida profissional, faço projetos pra viver e, entre todos eles, o que realmente me traduz e satisfaz é a literatura infantil e juvenil. Crianças são os melhores críticos e, conseqüentemente, o melhor público. A possibilidade de acrescentar algo e receber de troco um sorriso sincero mantém minha criança acesa. E não quero que ela se apague nunca.

E essa iluminação foi minha sensação quando tive a honra de poder visitar a Escola Projeto. Lá pude conversar com seus alunos e ver de perto o trabalho exemplar feito por Elizabeth Baldi e sua equipe. Uma metodologia de ensino inclusivo em sua abrangência e exclusivo em sua essência. **Crianças felizes, respeitadas e acolhidas em suas singularidades e incentivadas a se abrirem para o mundo. Crianças leitoras. Crianças curiosas com o mundo e com quem o coabita.**

Acredito piamente que a literatura é capaz de mudar o mundo. O processo de empatia e de compaixão, de se colocar no lugar do outro e respeitar sua personalidade e suas opiniões pode sedimentar valores éticos e de convivência.

E é nesse ponto que se encaixa a Projeto. Uma escola que tem como objetivo projetar cidadãos conscientes, livres de preconceitos e dispostos a dialogar com a discordância.

Fiquei fã.



## CLÁUDIO LEVITAN

*músico estudado em 2009*

### Uma escola pro futuro

Foi uma experiência inesquecível, o ano em que a Escola Projeto me adotou como um dos compositores de Porto Alegre.

Nos dias em que estive lá, interagindo com os alunos e com a própria escola, fui me conhecendo como nunca me imaginei: uma parte da cidade.

Não foi necessário morrer e/ou esperar que o reconhecimento em algum momento viesse, se é que viria, se é que mereceria, tudo aconteceu ao vivo.

A escola inteira ouviu e aprendeu minhas canções, desde as primeiras séries até as últimas, incluindo toda a sua comunidade – professores, funcionários e pais –, coletivamente.

Pessoalmente, foi uma emoção de transbordamento. Naqueles dias, eu estava maior do que sou!

Depois, caiu a ficha!

Éramos todos importantes. Todos estávamos vivenciando a Arte e a Cidade e nos admirando por termos essa coragem de criar, inventar, de aproximarmos idades, funções, todos descobrindo o valor de sermos um coletivo, numa escola, numa cidade.

Pensei numa frase que pudesse sintetizar o que foi para mim aqueles raros momentos: **a escola que ama a sua cidade e as suas crianças, constrói cidadãos comprometidos com o seu futuro.**



## RICARDO AZEVEDO

*autor estudado em 1997*



Meu primeiro contato com a Escola Projeto se deu faz tempo. Dei uma palestra para pais e professores, salvo engano, sobre os elos entre a literatura e a cultura popular.

Mais adiante, publiquei com a Editora Projeto, que pertence ao mesmo grupo, o livro HISTÓRIA DE BOBOS, BOCÓS, BURRALDOS E PASPALHÕES. O livro saiu em 2001. Em algumas oportunidades, fui convidado pela escola para conversar com os estudantes que leram esse livro e outros de minha autoria.

Senti sempre muita firmeza nesses poucos, mas ricos, encontros. **Alunos à vontade na escola, que de fato leram os livros, tinham perguntas e traziam comentários e depoimentos feitos com confiança e inteligência.** Esclareço que, por aí, isso nem sempre acontece.

Particularmente com relação ao livro dos burraldos, lembro-me de termos batido altos papos e dado boas risadas juntos. Faz todo o sentido, para um autor, conversar com leitores assim.

Creio que essa aproximação com os livros e a leitura se dê pelo fato de que a Escola Projeto seja irmã da Editora Projeto.

O Brasil não vai mudar enquanto não tivermos uma educação que privilegie a formação de leitores. É um sonho imaginar estudantes que, na escola, sejam levados a compreender o valor da leitura e aprendam a utilizar livros, de todos os tipos, em benefício próprio.

Bons leitores acabam, por meio do contato com diferentes livros, tendo acesso a diferentes cabeças e modos de pensar, e isso faz, ou pode fazer, com que encontrem caminhos para desenvolver suas próprias ideias. Por trazer diferentes e inesperados pontos de vista, a leitura tende a ampliar e alterar nossa visão de mundo e a visão que temos de nós mesmos. Não leitores costumam ficar presos ao próprio umbigo e às mesmas ideias de sempre, ou seja, acabam por ter uma vida mental mais restrita e acanhada.

Trata-se de perguntar com clareza aos estudantes: vocês pretendem estudar e ler para criar e desenvolver suas próprias ideias ou vão preferir construir suas vidas a partir de ideias criadas por outros? Simples assim.



## LEO HENKIN

*músico estudado em 2011*



Rob Fleming, personagem criado pelo escritor inglês Nick Hornby para seu livro *ALTA FIDELIDADE*, cultivava o hábito de fazer listas de preferência, as mais diversas e bizarras, tipo melhores filmes, melhores discos de rock, melhores namoros, piores separações etc. Apesar de tentadoras e, no caso de Rob, engraçadas, não gosto muito de fazer listas, porque sempre sofro, as escolhas nunca são simples. Como escolher os cinco melhores sambas de Noel, oito melhores filmes de Woody Allen, as sete melhores letras de Chico Buarque, as 50 melhores músicas dos fab four? Não dá, puro sofrimento! Porém, na minha lista de grandes momentos vividos em minha profissão, não pestanejo nem sofro. Lá está, entre as três mais, essa experiência emocionante e única, proporcionada pela Escola Projeto, sua equipe e seus alunos.



Homenagear compositores já é bacana. Mais bacana ainda é homenagear compositores que estão perto de nós, que estão por aí e vivem nas esquinas, nos parques e nas ruas de nossa cidade; que podemos encontrar nos cafés, nos cinemas e nos passeios na beira do rio, enfim, nos lugares onde provavelmente muitas de suas canções foram concebidas, por inteiro, pela metade ou aos pedaços e cacos, de versos e melodias. Doce cumplicidade vagar pelas mesmas quadras de um bairro que inspirou Nei Lisboa em sua “Berlim, Bom Fim”; “dar uma banda” e ver de perto o lendário Colégio Estadual Júlio de Castilhos, vulgo Julinho, em cujos corredores ecoam pra sempre as gírias sentimentistas que Nelson Coelho de Castro sacramentou em “Zé (Aquele Tempo do Julinho)”; ou andar pelo mundo e levar as ruas de Porto Alegre com as mesmas botas que Bebeto Alves andou e por onde deixou suas “Pegadas”. E muito mais bacana ainda foi ser homenageado dessa forma, da forma que foi, muito a ver com **o jeito de ser da família Projeto, suave e profundamente, homeopaticamente, atravessando as estações daquele ano de 2011, um mergulho no meu universo musical** – que não é só meu, obviamente –, e que é também o universo da imaginação de cada um. Lembro do meu primeiro encontro com a Beth Baldi e seu entusiasmo me explicando o projeto, dos primeiros encontros com as turmas, nos fins do verão daquele ano;



lembro das cartolinas afixadas nas paredes da escola, com desenhos inspirados nas minhas letras, feitos pelos alunos e alunas. Lembro dos cafés e bate-papos, já nas manhãs e tardes entre o outono e o inverno, com a equipe e com aqueles pequenos grandes pesquisadores, que perguntavam sobre tudo, me contavam suas impressões e cantavam algumas melodias. Lembro como me surpreenderam as escolhas de certas músicas, das quais eu estava um pouco afastado, digamos, e das quais com muita alegria me reaproximei. Em cada sala uma banda, eu e eles e elas, afinando e sintonizando. Por fim, **não há como esquecer aquela apoteose, a mágica que se fez em um teatro lotado de pais, parentes e amigos orgulhosos numa manhã perfeita de primavera, sob a batuta da Simone Rasslan.** Como é bom pertencer a uma cidade que tem **uma escola que vai além, que é uma grande escola da vida!** Com essa linda homenagem que me fizeram, aprendi muito. Vida longa à Projeto!



## RICARDO SILVESTRIN

escritor, pai de Carolina (aluna de 1993 a 1998) e Leonardo (aluno de 2002 a 2007)

### NÓS E A PROJETO

“Pai, quando é que tu vai escrever outro livro pra criança?” Essa era a pergunta que a minha filha Carolina me fazia. Ela devia estar com uns sete anos. Eu tinha lançado até então quatro livros de poesia para adultos e um para crianças, O BAÚ DO GOGÓ. Esse saiu em 1988, mas meses antes dela nascer. Durante a primeirinha infância dela, a Projeto tinha me chamado algumas vezes para ir falar com os alunos que tinham trabalhado o livro em aula. Lá ia eu feliz da vida para falar com os pequenos e empolgados leitores. Sentadinha a meu lado, a Carolina, aluna da Projeto e filha do autor estudado.

**Na Projeto, digo isso como pai e como autor, não apenas a leitura, mas todo o conhecimento era tratado de forma viva e prazerosa.** De tal modo que tudo entrava de um jeito natural no dia a dia das crianças. Lembro que estávamos vendo algo na TV, acho, sobre Picasso, e a Carolina comentou que tal quadro era da fase azul. Foi por meio dela que fiquei sabendo que o Picasso tinha criado uma série linda de obras todas usando o azul. Ela já tinha visto na Projeto. Eu, que não estudei lá, não sabia.

Outra da Carolina, chegou em casa um dia e disse: “Eu não gosto da Elis Regina”. Perguntamos por quê. Ela respondeu que a Elis cantava assim: “Os sonhos mais liiiiiiiiiiiiiindos, sonhei; de quimeras miiiiiiiiiiiiiiiiil um casteeeeeelo ergui”. A Carolina criticava o contraste brusco entre o canto alongado e alto e o súbito canto baixo e curto. Não só ouviu e estudou a Elis na Projeto como ainda fez crítica musical.

Em 1998, lancei pela Editora Projeto meu segundo livro para crianças: PEQUENAS OBSERVAÇÕES SOBRE A VIDA EM OUTROS PLANETAS. Comecei a escrever no quarto, no Hospital Moinhos de Vento, quando nasceu o Leonardo. Na dedicatória: “Para a Carolina, antes que ela deixe de ser criança, e para o Leonardo, que recém começou a ser criança”.

O Leonardo também entrou para a Projeto. E, em vários momentos, lá fui eu novamente falar com os alunos, agora sobre os planetas e com o Leonardo sentadinho ao meu lado. Fizemos lá, uma vez, um show comigo e o Pery Souza, que tinha musicado os poemas do livro.

Um dos trabalhos que a escola fez bastante no período do Leonardo foi estudar os compositores da nossa cena musical gaúcha e porto-alegrense. Lembro que ele adorava cantar a ópera “As Sete Caras da Verdade”, do Nico Nicolaiewsky: “Eu vim para matá-lo!”. Identificação total com o estilo do Leonardo, conhecido na escola por desenhar e esculpir monstros terríveis com massinha de modelar. Fomos ao Theatro São Pedro com ele e seus colegas assistir ao Nico.

“Ai, ai, vidinha burra! / Nunca mais subi, nunca mais subi, nunca mais subi a montanha.” Um dia chegou o Leonardo cantando em casa. “É do Nei Lisboa”, ele falou, “conhecem?”.





## MARIA DA GRAÇA PINTO BULHÕES

*professora universitária de sociologia aposentada e mãe do Mateus*

*(aluno de 2011 a 2015)*

Escola Projeto: um alicerce sólido para casas de diferentes estilos

A Projeto sabe unir, com competência, duas coisas que, nestes tempos difíceis que atravessamos no mundo, têm andado separadas: o desenvolvimento individual e a consciência coletiva.

As crianças saem da escola com um pensamento matemático construído, com as competências de leitura e escrita constituídas, com noções básicas das várias áreas de conhecimento desenvolvidas, com a capacidade de apreciar as artes e com valores humanos fundamentais bem trabalhados, porque vividos no dia a dia da escola.

Nós, pais, deixamos a escola com a experiência de uma vida comunitária, de reuniões participativas e interessantes e de situações em que problemas são solucionados por meio do reconhecimento das diferenças e do diálogo. Deixamos a escola com famílias que se tornam amigos.

Saímos todos levando a Projeto conosco, para as novas escolas que vierem, porque **a Projeto é isto: um alicerce sólido para casas de diferentes estilos.**

A Projeto é um **espaço de aprendizagem, num tempo de individualismo extremado, de que a união entre desenvolvimento individual e consciência coletiva é o melhor caminho.**



## MARILDA CASTANHA

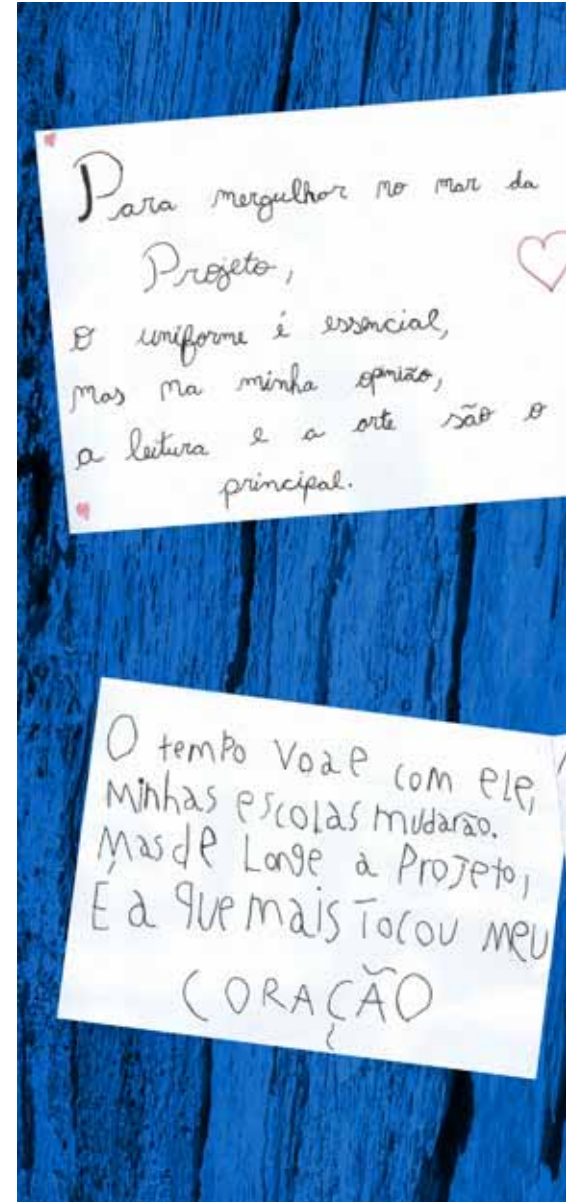
autora e ilustradora estudada em 2008

– Nossa, você é de verdade mesmo?

Essa frase, que jamais esqueci, ouvi de uma garotinha – que deveria ter entre cinco e seis anos –, logo na minha chegada à Escola Projeto. Além do espanto em constatar que ilustradores “existiam mesmo de verdade”, ela me presenteava, assim como tantas outras crianças da escola, com um abraço e um sorriso encantador. E revelava a expectativa – dela e de seus colegas – de conhecerem, em “carne e osso”, a autora dos desenhos e histórias que eles tinham lido, ouvido, comentado e/ou interpretado nas atividades da escola. Nos momentos seguintes orgulhosamente me mostravam, apontando pelas paredes e salas, desenhos e trabalhos incríveis e referências a livros meus. Mas confesso que ali, naquela acolhida, não imaginava que eu teria acesso não só a um trabalho belo e consistente realizado pelos alunos, mas também a um projeto riquíssimo em que professores e coordenadores se debruçam durante meses e são regidos, principalmente, pela convicção de que arte e literatura podem – e devem! – estar lado a lado na educação. Por isso mesmo hoje, uma década depois, ao lembrar da garotinha que me acolheu com tanta espontaneidade e afeto, posso afirmar que a Escola Projeto é também... uma escola de verdade! Escola que, para alegria de todos – alunos, pais, educadores e também autores e ilustradores –, **sabe transformar sonhos em desenhos e histórias! E “projetos” em asas!**

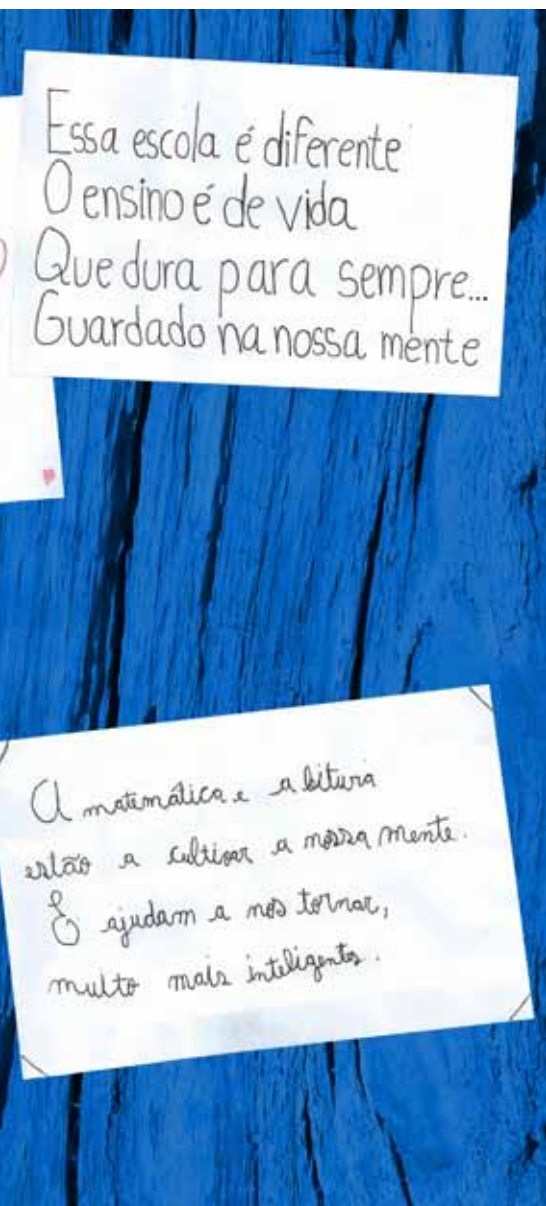
Para a Escola Projeto e especialmente para as queridas Annete, Neca e Beth, mulheres guerreiras – e realizadoras – que adorei conhecer em Porto Alegre!

Marilda Castanha, outono de 2018



## MANUEL SURREAUX

aluno de 2001 a 2006



Oi! Sou o Manuel Surreaux, tenho 21 anos e estou me formando no curso de Publicidade e Propaganda na PUCRS.

Neste fim de ciclo angustiante, me flagro projetando meu futuro a partir de pontes que ligam o passado com o presente, o que fiz com o que faço, o que fui e o que sou.

Desde que aprendi a escrever, sempre o fiz. Cada fase da minha vida foi expressa em um formato diferente. Lembro de ler, nas aulas na Projeto, contos fantásticos desde muito cedo, e depois escrevê-los sob o prisma das minhas próprias referências.

Guiado por Vinicius de Moraes e pelos Marios – Pirata e Quintana –, um pouco mais velho fui apresentado à poesia. Gênero que fez com que, a partir de suas métricas, eu encontrasse algum tipo de organização na vida.

No último ano da escola, 2006, nosso Trabalho de Conclusão – rrsr – consistia na criação de uma peça de teatro que depois seria produzida pela turma. Ali tive o primeiro contato com essa forma de contar histórias. Mesmo sem muita identificação com o gênero, me envolvi com o desenvolvimento do roteiro a ponto de repetir mentalmente todas as falas dos colegas durante os ensaios.

Essa peça foi chamada Juntoudeunisso, orientada pela professora especializada Mônica Bonatto, que foi bastante reconhecida por esse trabalho.

Para a produção desse projeto, foi necessário também a criação de animações, a partir das técnicas de stop motion com massa de modelar, fotos e desenhos. Lembro de encabeçar parte desse processo, que muito me marcou e toca diretamente minha realidade atual, uma vez que sou filmmaker e estou em constante contato com os motion graphics.

Hoje, ao me formar na faculdade, escrevo e gravo rap. Sempre na busca de conhecer novas realidades que me abram para o novo. Experiências essas que retrato em estrofes, videoclipes e docs.

Neste momento global de crise moral e social, me vejo pressionado a fazer o que não quero, para comprar o que não preciso e ser o que

não sou. Assim, confesso que tenho certa dificuldade de me posicionar e me inserir no mercado de uma forma geral. Mas acho que estamos prestes a protagonizar grandes mudanças no planeta, que serão guiadas pelos nossos valores. Destes, muitos me acompanham desde pequeno, provenientes da família e da escola.

Por isso tudo, **agradeço a todos os amigos que me acompanharam nesses seis felizes anos.** Alguns deles ainda seguem por perto e me motivam a continuar acreditando e trabalhando pra um futuro mais bonito.



## ELOAR GUAZZELLI

autor e ilustrador

### MINHA ESCOLA PROJETO

É engraçado ter a Escola Projeto como parte da minha formação, porque quando ela surgiu eu já era bem grandinho, tinha até me formado. Mas acontece que **comecei esse ofício de ilustrador pela editora com o mesmo nome, sua irmã gêmea em coragem, dedicação e originalidade.** E foi ali que aprendi esse nobre ofício de ilustrador trabalhando com títulos de autores que eu admiro muito. O que, aliás, foi uma alegria e também uma enorme responsabilidade. Como tenho alguma sorte, meu trabalho continua assim depois de tanta estrada, sempre encarando parcerias com autores que são verdadeiros mitos. Por isso mesmo me sinto igual a essa escola, sempre procurando me reinventar para novos desafios amparado no que já realizei. No fundo esse jogo sempre foi divertido, mas agora vejo o assunto como algo bem mais importante, porque tenho dois filhos andando neste planeta em crise e percebo que todo foco de pensamento livre é uma fonte de luz para atravessarmos os perigos de uma sociedade em transição. Mais do que nunca literatura e arte se afirmam como caminhos de reflexão e instrumentos de transformação, jamais como enfeite. Estranho perceber que no momento em que a tecnologia nos oferece um banquete inédito de informações, muitas pessoas se encolhem em territórios restritos, intolerantes e cegos para o que é novo e criativo. Nesse jogo de tensões me alegra fazer parte desses **lugares encantadores onde a inteligência das crianças encontra caminhos para crescer.**

Nesses anos todos tive a alegria de levar desenhos e livros para discussão nas salas da Projeto e alguma sensibilidade pra entender que ali naquela sala, contando e mostrando os frutos do meu trabalho, eu era mais um aprendiz. Aqui de São Paulo, onde vivo agora, queria fazer **um brinde a esses professores e amigos que desenharam um futuro mais livre e criativo** e responder a chamada com meu presente de 30 anos. Se os ventos me ajudarem contem comigo para os próximos.

Beijo do Guazzelli



## LILIANA BERRY VEIGA DE ROSE

*advogada e mãe do Silvio (aluno de 2002 a 2009)*

Escolher a primeira escola de um filho único não foi tarefa fácil para uma mãe não muito diferente das demais: extremamente ansiosa com a criança de dois anos. Recomendações pessoais – sempre necessárias –, entrevistas, perquirições sobre métodos e o encontro com pessoas acolhedoras, sem dúvida a primeira tarefa de uma mãe.

Mas, para mim, além do lanche saudável, era necessário que todo o esforço na frequência escolar em tão pouca idade fosse cercado de algo fundamental: a presença de um aprendizado cultural sólido que não fosse a repetição das mídias comerciais. Muitas decepções se apresentaram nesse caminho trilhado até a Escola Projeto. Perguntava eu: que músicas ou livros costumavam usar? As respostas eram absolutamente desmotivadoras: o que as crianças pedirem, da Xuxa às Tartarugas Ninjas, livrinhos da Disney e por aí vai. Só desalento!

A minha satisfação ao ouvir da Escola Projeto a descrição do trabalho com a cultura e a arte, passando pela música, literatura, artes plásticas e permeando todas as brincadeiras utilizadas pelo trabalho das professoras, foi um achado que correspondeu a todas as minhas expectativas no momento da escolha e no decorrer do aprendizado.

**Acompanhar o trabalho das crianças com os autores, artistas plásticos e músicos foi um aprendizado também para os pais**, já que primorosamente escolhidos entre os melhores daqui e do país. E muito mais, o que também veio ao encontro com o meu conceito sobre aprendizado cultural, a inclusão da cultura e da arte de todos os povoadores da nossa terra. Também não somente a arte e a escrita cultas, mas também as artesanais e orais, que, por suposto, fazem parte da nossa história, fazendo com que nos reconheçamos no contexto que nos cerca e o de nossos pais.

Todos os artistas e escritores convidados figuram, por excelência, nesse contexto incrível, mas me permito destacar um que, particularmente, se tornou emoção pura, própria para as crianças e para os pais que acompanham a infância vivamente: a escolha do compositor Giba Giba que, embora já idoso, era uma criança junto das nossas, por seus característicos amorosos e empáticos absolutamente

voltados para o convívio com os seres naturais. Foi amor à primeira música, inesquecível! “Uma cidade, um país, lugarejo” naquele momento foi a Projeto, onde esse encontro foi marcado pelo afeto entre as crianças e o nosso querido Giba Giba, que tanto bem fez a ambos.

Obrigada, Escola Projeto!



Um escritor que tem uma produção vasta, como eu, não costuma ver sua obra toda reunida num só lugar. As livrarias, em geral, possuem apenas dois ou três títulos de um mesmo autor. As bibliotecas têm pouco mais que isso. As editoras, obviamente, só têm os livros que elas próprias publicaram. E mesmo em casa, não é comum o escritor ter exemplares de todos os seus livros, muito menos lado a lado.

Estou contando isso para dizer que o primeiro impacto que senti, como Autor do Ano na Projeto, em 2007, foi chegar à escola e encontrar expostos, enfileirados, bonitinhos, TODOS os meus livros. **Foi a primeira vez que eu vi toda minha obra reunida e, de certa forma, aquilo me ajudou a ter uma noção do que eu tinha construído até então, na literatura.**

O segundo impacto foi entrar em cada sala de aula e ver como as professoras – certamente auxiliadas pela coordenação – estavam trabalhando com meus livros. Fiquei fascinado ao ver como foi a escolha do livro mais rico para cada turma, o tipo de leitura realizado, o tipo de atividade criativa que era proposto para os alunos.

Numa turma, era uma criação – ou recriação – poética, em outra turma um exercício de artes visuais, em outra uma dramatização. E sempre muitas perguntas, muita curiosidade. Percebi claramente que, naquela escola, **o que mais importava não era absorver o conteúdo de um livro de literatura, mas sim deixar-se tocar por ele, dialogar com ele, criar ideias e coisas novas a partir dele.**

O terceiro impacto veio algum tempo depois, quando li o livro LEITURA NAS SÉRIES INICIAIS – Uma Proposta para Formação de Leitores de Literatura, que a Beth Baldi escreveu, contando, analisando e problematizando a experiência do projeto Autor do Ano, calcada principalmente nos meus livros e nas atividades que a Escola Projeto realizou a partir deles.

Por tudo isso, mesmo 11 anos depois, posso dizer que minha experiência foi emocionante, desafiadora e inesquecível. Desde então, já publiquei mais algumas dezenas de livros, e estou ansioso para voltar a ser o Autor do Ano. Viva a Escola Projeto!



## DILAN CAMARGO

*autor estudado em 1999*

Uma ideia, uma paixão, um sonho, uma vocação.

Um projeto!

Passados tantos anos de consolidação da história da Escola Projeto, em que essas motivações e energias ganharam vida sob a ação determinada das suas idealizadoras, tenho a alegria de repartir minhas experiências vividas nessa dadivosa jornada pela educação e formação de crianças.

Meu encontro com a Escola Projeto deu-se por meio da Editora Projeto. Percebi então a amplitude e a riqueza desse projeto educacional e cultural. Uma iniciativa pioneira, corajosa, em aliar a criação de uma nova escola com a de uma novíssima editora, voltadas especificamente para a população infantil e juvenil. Um projeto exemplar das irmãs educadoras Baldi. Beth e Neca cuidando da escola e Annete tocando a editora, com a presença constante da mãe Lolô. **Um projeto que se afirmou, cresceu e ganhou amplo reconhecimento na comunidade educacional e literária do país.**

No casarão onde ainda está a primeira unidade da escola, nos fundos, havia uma garagem. Nenhum carro ali estacionava. Era um ponto, um porto, uma estação de partida para a edição de novos livros. Fui até lá pela sugestão do escritor Charles Kiefer levar os originais do meu livro *O VAMPIRO ARGEMIRO* para a Annete. Desde então, na minha condição de escritor, mantive uma relação estreita com a escola, principalmente por meio de inúmeras atividades literárias, artísticas, culturais e de formação de professoras.

Particpei de feiras do livro, de lançamentos, de encontros de formação, de confraternizações, em que o espaço da escola era recriado além das suas finalidades unicamente pedagógicas. Tornava-se um **espaço de encantamento e de reflexão, em que a comunidade escolar se abria e se integrava com o universo humano das famílias e da cidadania.**

Nos encontros com as crianças da Escola Projeto sempre descubro um ambiente escolar diferenciado, que se reflete na capacidade de percepção e de participação dos pequenos. Sinto uma atmosfera de convivência

e de estímulos ao conhecimento não somente das ciências, mas também das artes. E, principalmente, da arte da palavra, esse extraordinário instrumento humano que sabe tocar a música da nossa alma.

Em todos os momentos em que participei da vida da escola fui também um aprendiz. A escola contribuiu decisivamente com a minha formação de escritor para o público infantil e juvenil. O contato com as crianças, as professoras e as famílias foi uma fonte de inspiração e de estímulo para a minha trajetória na literatura. Fui impregnado por novas compreensões, novos métodos e por abordagens atualizadas do universo humano da infância, que iluminaram a minha forma de conceber e de escrever.

**Os pequenos-grandes leitores da Escola Projeto foram e são referência para o meu imaginário poético, em que procuro brincar e dialogar com os seus próprios imaginários.** Acredito que essa é a melhor maneira de continuarmos a crescer juntos em humanidade.



## CAMILA KOPS FERREIRA

*designer de produto, aluna de 1998 a 2002*

Dos aprendizados que a Projeto deixou, pra mim o mais importante é que nem sempre tem um jeito certo ou errado de fazer alguma coisa. Sempre fomos incentivados a buscar nossas próprias soluções: mesmo nas situações em que a resposta deveria ser uma só, cada um podia chegar ao resultado da sua maneira.

Sempre lembro de um livro sobre folclore em que as ilustrações eram na verdade fotografias de maquetes de massinha de modelar. Aquilo me encantou e me fez perceber que havia outras maneiras de se ilustrar um livro, além da ilustração 2D convencional que eu estava acostumada a ver.

Hoje sou formada em design e sei que isso se tornou um diferencial na minha forma de trabalhar. Procuro sempre manter a mente aberta a novas informações e possibilidades, e não descarto nenhuma ideia até chegar ao resultado que preciso.

GRAVETOS-ARMADOS  
trabalho coordenado  
pelo artista visual  
Antonio Augusto Bueno



## GERSON SMIECH PINHO

psicólogo e psicanalista, pai da Gabriela (aluna de 2007 a 2010)

e da Maria Fernanda (aluna de 2007 a 2013)

### Uma escola que faz arte

Em uma fria tarde de domingo, bem típica do inverno porto-alegrense, eu e Maria Fernanda, a mais nova de minhas duas filhas, fomos à Fundação Iberê Camargo. Ao circularmos pelas salas e rampas no interior do museu, deparamos com diversos pequenos objetos de uso diário – prendedores de roupa, meias de náilon, coadores de café –, todos cobertos por palavras inscritas em suas superfícies. Maria Fernanda lia com atenção cada uma das palavras anexadas naqueles utensílios triviais que habitam nosso cotidiano, em um misto de curiosidade e fascínio. Buscava decifrar o que conectava aquelas palavras umas às outras, bem como aos objetos que lhes davam suporte.

Essa ida ao museu era parte de um tema de casa proposto a ela e a seus colegas, alunos do quinto ano da Escola Projeto: fazer uma visita à exposição “Gramática Intuitiva”, da artista plástica gaúcha Elida Tessler. Inspirada por essa visita, Maria Fernanda produziu sua própria obra, que intitulou “Porta-Armários” – um cabide com vários pequenos armários de papel pendurados, os quais traziam, cada um deles, uma palavra escrita na porta. “Um cabide que porta armários, que tem portas que portam palavras”, assim definiu sua criação.

Atividades relacionadas à arte, como essa visita a uma exposição, eram parte constante da rotina escolar de minhas duas filhas no período em que foram alunas da Projeto. **As mais variadas formas de expressão artística foram sempre generosamente exploradas no trabalho pedagógico cotidiano: das artes plásticas à literatura, passando pelo teatro, a música e o cinema.** Se o campo das artes é com frequência relegado à condição de disciplina secundária e pouco importante em grande parte das instituições de ensino, a Projeto toma o caminho inverso, e faz daquele um dos fundamentos de sua prática educativa.

A colocação em primeiro plano da arte no trabalho escolar já encontraria justificativa suficiente por sua importância enquanto produção cultural. Porém, na medida em que se trata de um trabalho dirigido à infância, algumas outras importantes razões também merecem ser destacadas. Afinal de contas, não é à toa que dizemos que “as crianças



são arteiras” ou que “fazer arte” é um modo corriqueiro de nos referirmos às travessuras próprias da infância. As crianças são criativas por natureza e a arte é o campo da criação humana por excelência.

No centro dessa capacidade criadora da infância encontra-se o brincar, atividade que permite à criança extrair elementos significativos da cultura para com eles fabricar sua própria versão daquilo que encontra no mundo. A preocupação em cultivar a potência criativa da criança que se origina no brincar e se amplifica na atividade artística, ao meu modo de ver, é o que caracteriza e diferencia o trabalho da Escola Projeto. Esse foi um dos pontos cruciais para a escolha da mesma para minhas filhas.

A aposta que a Projeto faz na arte e na atividade criativa revela o quanto é uma escola **atenta àquilo que centralmente importa no desenvolvimento infantil**, bem como expressa a **vocação de sua equipe em se conectar com a subjetividade da criança**. Na entrevista que fizemos com a Neca, quando queríamos conhecer a escola, ficamos encantados com aquele trabalho entremeado por arte e cultura, e saímos dali convictos de que aquele era o espaço que procurávamos para nossas filhas.

É interessante notar como o trabalho da Projeto fez circular a arte de forma mais intensa por todos os integrantes de nossa família, durante o tempo em que lá permanecemos. Não foram poucos os espetáculos e exposições que pude experimentar, ao lado de minhas filhas, por conta das indicações e atividades propostas pela escola. Além disso, não foram poucas as vezes em que nós, os pais, fomos colocados a produzir em conjunto com as crianças. Lembro, por exemplo, da ocasião em que a turma de quarta série de minha filha Gabriela trabalhava em torno da escrita de crônicas. Os pais foram, então, convidados a escrever uma crônica com seus filhos, falando das diferenças entre a escola do seu tempo e do deles. Boas recordações, em que pude fazer um pouco de arte ao lado de minhas filhas.

Vê-se aqui como a Projeto **toma com delicadeza e cuidado a atividade criativa, no interior do laço de transmissão que se dá entre pais e filhos**. É por essas e por outras que sou fã de carteirinha dessa escola!



## GABRIEL SIQUEIRA SALIS

*engenheiro agrônomo, aluno de 1990 a 1996*

Hoje de manhã, peguei uma camiseta para usar por baixo das várias camadas de roupa que o frio determina. Uma camiseta qualquer, aleatória no armário. “Escola Projeto 20 anos”, diz a estampa. Acho que há um certo caráter metafórico e anedotal no fato da camada mais interna que me protege do frio ser uma camiseta da Projeto, enquanto escrevo este relato.

Já tem 10 anos os 20 anos da Projeto, e eu considero que tenho 30 anos de Projeto – pra arredondar, sou da segunda turma –, sou perito nesse tema. A Projeto é algo que fica impregnado na gente muitas vezes de um modo bem silencioso, lá no fundo da moral, dos valores, da visão de mundo, embora, quando me junto com os meus amigos ex-alunos da Projeto, exista um claro fator que nos une e nos identifica, mesmo que não saibamos bem explicar. Uma espécie de química essencial projetiana. Não sei bem.

Com um pouco de atenção, se nota também o submergir dessa essência abstrata. Pra mim a noção de ser um ex-aluno da Projeto fica especialmente clara no contato com as artes. No meu caso, em especial, com os livros. E foi justamente folheando o livro de 20 anos da escola, há alguns anos, que me dei conta de uns quantos porquês. Eram tantos artistas de altíssimo nível em contato com aquela criançada que até parecia exagero, uma extravagância. Será que precisava tanto? Hoje em dia, a cada livro que eu termino de ler, vejo que o modo como o absorvo, que o impacto que me causa o livro e que eu causo no mundo é, em grande parte, devido ao modo como a Projeto me ensinou a ler. Veja bem que eu não disse “me alfabetizou”, disse “me ensinou a ler”. Livros, músicas, desenhos, filmes. Em suma, o mundo. Aprendi a ler tudo isso na Projeto.

P.S.: Tem um breve caso que acho digno de nota:

Apesar de funcionário público, agrônomo, com boa estabilidade profissional, o bicho carpinteiro dos livros não me deixou ficar quieto em relação à “escola”. Resolvi fazer o vestibular para História na UFRGS. Um pouco de sorte, um pouco de boa formação de base, passei em primeiro lugar.



Eis que na cadeira de História Antiga a professora, altamente especializada na história mesopotâmica, indicou um livro da Editora Projeto como referência para pesquisa. Sim, um livro infantil, disse ela, mas com um referencial histórico muito bom, se referindo à epopeia de Gilgamesh. Evidentemente, fiquei cheio de orgulho, e fui relatar a ela o que está escrito no primeiro parágrafo desta nota, e fiquei muito feliz de ouvir aquilo. Mencionando que sou egresso da Projeto ela disse: “É... Por isso que tu estás aqui”.















APOIO

